



ANDERSON RODRIGUES

ATRAVÉS DO MEDO

Rabiscaria

Anderson de Oliveira Rodrigues

ATRAVÉS DO MEDO

1ª Edição

Edição do Autor

São Paulo

2020

Copyright © 2020 by Anderson Rodrigues

Diagramação	Rabiscaria
Capa	Rabiscaria
Revisão	Rabiscaria

R696a Anderson Rodrigues

ISBN 978-65-902160-0-7

Através do Medo/Anderson Rodrigues - Ed. 01 - Osasco, SP

Esta obra é uma publicação independente

Copyright [2020] by Anderson Rodrigues

Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra

– Ficção – Brasil	2. Literatura brasileira
-------------------	--------------------------

Índice para catálogo sistemático

- Ficção e contos brasileiros CDD B869.3
- Literatura brasileira CDD B869.4

A Ana Beatriz,
porque as vozes mandaram.

“Não sabemos quanto tempo nos resta, não podemos
desperdiçá-lo lamentando coisas que não podemos
mudar.”

Stephen King

O fortuna,
Velut luna
Statu variabilis,
Semper crescis
Aut decrescis;
Vita detestabilis
Nunc obdurat
Et tunc curat
Ludo mentis aciem,
Egestatem,
Potestatem
Dissolvit ut glaciem.

Sors immanis
Et inanis,
Rota tu volubilis
Status malus,
Vana salus
Semper dissolubilis,
Obumbrata
Et velata
Michi quoque niteris,

Nunc per ludum
Dorsum nudum
Fero tui sceleris.

Sors salutis,
Et virtutis
Michi nunc contraria,
Est affectus
Et defectus
Semper in angaria;
Hac in hora
Sine mora
Corde pulsum tangite,
Quod per sortem
Sternit fortem
Mecum omnes plangite.

O Fortuna - Carmina Burana

“É muito difícil escrever uma historia de terror bem-sucedida num mundo tão repleto de horrores de verdade.”

Stephen King

Sumário

Apresentação	13
Ouroboros	15
Claudomiro em Desventura	22
Aluízio Assassino	23
Cemitério das Lembranças	24
Cidadão de Bem	25
Fonte da Juventude	26
À Espera	29
Sexta Treze	31
Centro Espírita	33
Osvaldo	39
O Fútil e o Mediocre	40
O Propagador das Livres Ideias Esquecidas	41
Multiversos	66
O Livro	67
Do Fruto	71
Don e sua rede social	72
Possessão	72
Teoria do Acaso	74
Anjo da Escuridão	77
Dentro dos Sonhos	78
A Maldição da Esmola	80
A Makita Maldita	83
Aniversário do Diabo	85
As Duas Faces da Moeda	87
A Fuga	88
A Babá	90
O Escritor	92
Obsessão	94
O Inadimplente	96
Do Fruto II	97
Psicopata Juvenil	98
O Corajoso	101
O Vendedor	101

Solitude	104
Psicocinesia Recorrente Espontânea	104
Gostosuras ou Travessuras?	108
O Medroso	112
O Mendigo	112
Vício	115
Assassino aos Domingos	117
Horror em Osasco	119
Tarântula (1955)	129
Férias de Verão	131
Anarcoprimitivismo	137
Segredo Sagrado	138
VHS	139
Revolution Stater Pack	142
Rock in Roll, Baby	144
Não Tão Sozinho	146
Último Recurso	149
Perda de Identidade	153
A Revolução dos Pensamentos	157
Novos Inquilinos	159
Brincadeira Séria	164
O Profeta	169
A Recaída	172
O Doente Terminal	177
Nos Cumes da Fofoca	177
Negócio Local	178
O Cão	181
Cultura Armamentista	183
O Sobrado Assombrado	185
Transferência	189
O Feminicida	193
Fim do Medo	195

Apresentação

Não importa para mim como você adquirira este exemplar, me é uma honra ter-te como leitor(a), sem demagogia. Atento ao fato de que dispomos de um curto tempo de vida, para alguns o sofrimento é eterno, mas pensando por ora, nesse presente instante, saber que se dispusera a ler o que minha mente e mãos produzira, é de grande satisfação e realização para mim, como escritor, é tudo o que se almeja, penso e sinto.

Partindo desse princípio, de que a vida é curta e além disso, haver em mim uma doença crônica moderna, a ansiedade, este livro foi pensado para o entretenimento rápido, sem delongas, histórias curtas, poesias breves, para o apreçamento de quem, como eu, muitas vezes não há de convir com o prolixo e minúcias, neste livro vou direto ao ponto, como uma bala disparada por um revolver, em uma só direção e que pode ter consequências

nefastas, por isso mesmo escolhi o terror, nada cairia melhor, e o faço como um admirador do gênero, um aspirante apaixonado.

Talvez me acusem de estar girando as engrenagens do imediatismo moderno, o que não deixa de ser, afinal, este livro fora pensado propositalmente no presente, e espero que seja um bom presente para você, literalmente.

Ouroboros

– Está morto, como vocês podem ver, não levanta, não fala, não caga, podemos xingá-lo a torto e a direita, vejam: Aí filho da puta, levanta daí traste inútil! Viram? Nada, é uma merda de um nada.

– Podíamos mijar na cara dele – sugeriu Bartolomeu – Ou mesmo – mal conseguia segurar-se em seu entusiasmo – Podíamos matar ainda mais ele.

Como se mata ainda mais um morto? - Bela questão e estão se perguntando.

Bartolomeu que demonstrava-se sagaz, petrificou-se por alguns momentos, revirou toda sua mente a procura da resposta e antes que pudesse proferir alguma palavra foi surpreendido pela Josesclilda:

– Queimamos o corpo, a bíblia, seus documentos, taca gasolina aí, assim estará mais morto, porque ninguém irá saber quem foi e quem era.

– Não! Espera aí, vamos mutilar ele e esperar pelos urubus.

– Não! Vamos jogar ele no rio e foda-se.

– Não! Vamos, sei lá, cortar a pele dele e fazer um tapete.

– E se cortássemos os cabelos e...

Não houve consenso, o morto que nada tinha com isso permanecia lá, todo morto. Lá pelas tantas a fome fez visita sem perguntar se podia entrar, chegou de supetão e todos a consentiram. Sentados agora, um olhando para o outro, decidiram como por telepatia que deveriam comer, Roberto fez menção de se levantar e todos o seguiram.

– Vamos levar ele até lá em casa, e decidiremos o que fazer.

– Ainda bem que não mijamos nele. - disse bartolomeu pegando-o pelas pernas.

Na casa de Roberto, há uma cozinha pequena, uma sala, um banheiro e um quarto. Na mesa da cozinha que

preenche quase todo o espaço há uma toalha xadrez marrom e beje, onde largaram o morto.

O morto permanecia em seu silêncio, mas seu corpo que atritou-se ao chão fez-se um pequeno rumor.

– Sem alarde pessoal, cochichou Roberto com um dos dedos na boca.

– Precisamos agora colocá-lo na poltrona, ajuda ai Bartolomeu, aqui é muito pequeno e essa fome é de matar.

Entreolharam-se em silencio, Bartolomeu não pode segurar e começou sua risada que mais parecia uma tosse, o bastante para Roberto rir da risada estranha e Josescliuda rir dos dois.

Já postaram o morto na poltrona e Roberto está requentando a comida de dois dias, a fome não iria se importar, pensou consigo mesmo.

– Que cheiro horrível, é sua comida ou é o morto que esta começando a feder? - Bartolomeu não tinha

mesmo escrúpulos, disse isso enquanto abria a geladeira à procura de algum petisco.

Josescliuda ficara só com o morto e só se deu conta quando lembrou de seu medo da morte. Imediatamente correrá pra cozinha perguntando:

– Como será que ele morreu, hein?

Bartolomeu, sentado na mesa, deu de ombros e respondeu:

– Vai ver morreu de tédio.

– Mas não faz sentido isso! Como seria possível alguém morrer de tédio? O mais ridículo disso é nós estarmos aqui.

Roberto calmamente respondeu com ares de seriedade.

– Já ouvi muitos casos assim, de morte por tédio, inclusive uma tia e uma prima morreram desse modo.

Primeiro minha prima que era muito depressiva e desanimada minutos depois, minha tia que ficara ali a

observar sem saber o que fazer e que a morte levara como que de lambuja.

– Dizem que quando alguém morre de tédio, tem-se que deixar o corpo só para que o tédio se vá.

Josescliuda ficara séria agora, e quis contrariar:

– Mas como é possível que o tédio mate alguém? - Indagou andando em direção a porta – Ainda mais alguém que não esta entediada...

Josescliuda abriu a porta no intuito de sair, mas sentiu um formigamento forte no braço esquerdo e o ar lhe fugiu aos pulmões como que lhe furtando a vitalidade.

Roberto e Bartolomeu acolheram-na, aproximando-a do morto, ao puxá-la pelos braços formando com o corpo semi desfalecido rugas no tapete redondo da sala.

Acertado o tapete e retomado o folego da incrédula semi-morta perguntou não satisfeita com os olhos assustados:

– Mas que faremos então? Ficaremos vivos juntos a esse corpo entediante?

Bartolomeu bocejou.

Ricardo e Josescliuda olharam um para o outro e disseram pelo olhar:

– Você vai morrer!

Ao que Bartolomeu calmamente respondeu:

– Não estou entediado, bocejei porque o cão bocejou, eu estou é desesperado e desde que resolvi ir à padaria em vez de ir ao mercado e me deparar com um morto amaldiçoado não penso em nada senão em agir de modo a reverter essa situação.

Ao que os dois em resposta ofereceram o silêncio.

Bartolomeu então andou pela casa e parou diante a TV, ia logo apertando o botão de ligar quando Roberto deu um pulo gritando:

– Não, a TV me deixa entediado, eu durmo em minutos, nesse caso, eu morro em minutos.

– Mas então que diabos vamos fazer? - Disse contrariado Bartolomeu.

O ambiente foi ficando ainda mais tenso, o silêncio predominava e aos poucos o dia já era noite e da noite viam a madrugada prevalecer. Josescliuda, já não pensava mais, deitou os olhos para ver seus sonhos e ter uma esperança no dia seguinte, mas não sonhou, estava morta. Bartolomeu deitara no sofá, preenchia os numerais de um sudoku inacabado que encontrara junto a mesinha do telefone, entediou-se. Morreu.

Os olhos do primeiro morto abriam. Encontrara aos de Roberto, ao que dizia: Leve-os Morte, meu papel eu já fizera.

A morte agradecia ao Tédio.

No dia seguinte Roberto abria seu apartamento e trazia dois amigos.

— Estão mortos, como vocês podem ver, não levantam, não falam, não cagam, podemos xingá-los a torto e a direita, vejam: Aí filhos da puta, levanta daí trastes inúteis! Viram?...

Claudioeiro em Desventura

Claudioeiro tinha tendências suicida, o reflexo disso era o vício pelo cigarro, os cortes nos braços, alcoolismo e a misantropia atenuante, o tratamento psiquiátrico fazia sentido. Não era de fazer favores, detestava condicionar-se à terceiros, era sobretudo um cara que não perdoava ninguém. Mas um dia não teve como fugir da eminente sujeição que a vida impõe, teve de fazer um favor, não havia saída, mas era por uma boa causa, a dele mesmo, pois afinal ganharia um litro de vinho. O favor era simples, haveria de supervisionar a montagem de uma estante no apartamento de um cliente de seu cunhado.

Deleitou-se do saboroso vinho enquanto esperava pelos montadores, teve vontade de fumar e por isso foi até a varanda do apartamento, a porta era de vidro, fechou-a para que a fumaça não entrasse na sala, usou força de mais

e acabou se trancando por fora. O andar era o décimo. E esse é o fim.

Aluízio Assassino

Aluízio media as probabilidades minuciosamente, se houvesse possibilidade que pudesse reconhece-la no acaso, haveria de estar preparado, seus passos eram dados um por vez, como numa partida de xadrez, cada investida era cuidadosamente programada, não tolerava erros, era meticuloso, cada movimento era constatado por sua mente cada vez mais doentia, um desses dias tivera o pressentimento e intuição de que era a hora, mataria, se faria um assassino, mas perdeu o ônibus e não chegara a tempo para a terapia.

Cemitério das Lembranças

Dentro do tempo, entre a mente e a realidade existe um cemitério, inacessível ao corpo, as lembranças mortas voltam para atacar o presente, lampejos de dor, como agulhas enfiadas na carne, as lembranças entram no pensamento endoidecendo o são, matando-o aos poucos.

As lembranças usam os erros como uma arma de tortura que consome lentamente a sanidade, quando se vê, estais a puxar os cabelos, não se reconhece no espelho, parte para autoflagelo evidenciando a dor do que deveria ter feito, sempre é tarde demais. Elas sobrevivem do pecado, se alimentam do pensamento, são velhas cruéis, sedentas pelo novo, dormem nas covas do inconsciente, quando a alma sai do corpo elas reinam o mundo todo, Elas estão atrás de você, elas são você, não há para onde correr, o cemitério é a sua mente.

Cidadão de Bem

Orou, agradeceu, foi até o altar, depositou o dízimo, cumprimentou e despedira-se dos irmãos, saiu pela porta da frente apinhada de gente, sorriu aos olhares, partiu sem notar o mendigo na calçada, passou pelo bar do Gervásio, dobrou a esquina, desceu as escadas, contou as moedas, comprou o bilhete, passou pela catraca, esperou na plataforma, olhou para trás certificando-se de que ninguém o empurraria, o trem chegou, entrou, sentou, suspirou.

Fonte da Juventude

“Volte à juventude, adquira já o Juvenil ligando para 33889354, você novo, de novo!!”

– Alô, gostaria de adquirir os comprimidos da juventude... sim, pois não, Nunes Gouveia, 200 comprimidos...cartão de créditos... digitei... Adelaide Nogueira, 341, São Onofre... certo... pois não... ok, anotado... muito grato, boa tarde.

Em uma semana de consumo, Sr. Nunes Gouveia sentia a bola de bocha mais leve que o normal, em três semanas podia percorrer andando o trajeto do parque até sua casa em 15 minutos, perdera alguns quilos e podia notar alguns fios pretos crescendo em sua cabeça, em contra partida, as noites pareciam mais longas, um calmante viria a calhar, os recebera em sua residência da mesma farmacêutica dos comprimidos da juventude, em um mês visitava sites pornográficos frequentemente, mas a

diarreia era quase que diária, nem precisou se consultar, tinha o catálogo da farmacêutica pregado na geladeira, e eles tinham o que ele precisava, conveniente demais pensara, por isso ao invés de procurar uma puta, ligou para o consultório do Dr. Iago, a consulta seria na próxima quinta-feira, não dormiu até lá.

– Sr. Nunes o senhor consultara a procedência desses comprimidos? São vendidos pelo telefone e não em farmácias, o que por si só já é estranho, entrei no site da farmacêutica e não encontrei muito sobre o medicamento e pouco sobre a empresa. O senhor precisa parar de tomar imediatamente esses medicamentos até termos certeza do que de que provém.

– Me sinto bem tirando a insônia e a diarreia doutor.

Passou o resto de sua vida, dois dias, na cama, mal dera tempo de arrepender-se pelos erros que cometera em vida, Dr. Iago alarmado, fora pessoalmente ao endereço que designava na caixa dos comprimidos, um escritório na

avenida principal de São Onofre, abandonado às caixas e caixas do comprimido Juvenil. O porteiro dissera que a empresa mudara à poucos dias com o depósito do aluguel pago por mais três meses, convenceu-o com 100 reais à abrir o escritório e constatara alguns documentos deixados para trás em nome do governo do Estado federal.

Á caminho do funeral de sr. Nunes, dr. Iago foi parado por um carro blindado do exército e coagido a um interrogatório na base militar no interior. Nunca mais fora visto.

A empresa farmacêutica de Juvenil conseguira investimento do governo para os próximos 25 anos.

À Espera

Quando ela o atendeu estava atrasada quarenta minutos, não se importou, pelo contrário, respondeu sorrindo que isso acontece, ainda mais numa clínica psiquiátrica onde os loucos estão a toda. Completariam seis meses de tratamento, tempo que tirou para pesquisar sobre a doutora, não encontrara nada além do número de associação no sindicato dos psicólogos. Se quisesse informação teria que ir direto na fonte, assim pensara, assim o fez, tem o cartão profissional da mesma com os números que podia atender, no seu caso, poderia ligar a qualquer hora, mas não o fazia, sentia que poderia ficar dependente demais, ou acabar até nutrindo algum sentimento que prejudicasse a relação “paciente, médico”, era enfático em manter tudo ao bem comum, o que acontecia reciprocamente, o que ele não esperava aconteceu, ela passou a ligar para ele, constantemente, até a

relação sair do controle. As terapias não eram mais as mesmas, as vezes era ela quem deitava no divã e não se sabia quem estava analisando quem. Um surto psicótico o fez ser internado, o que o fez ficarem ainda mais próximos, era com ela que conseguia cigarros, era dela os bilhetes desejando melhoras, era ela a louca esquizofrênica, maldita, mal conseguia respirar, estava em seus sonhos e delírios, em alucinações a luz do dia, era sua consciência e estava sempre atrasada, haveria de matá-la para ter sua liberdade de volta, quarenta, cinquenta minutos, uma hora e quando ela o atendeu ele saltou pra cima dela arrancando seus olhos.

– Aluizio Teixeira, vou te atender agora.

Então despertou.

Sexta Treze

Seria um belo happy hour, fazia um bom tempo que não bebia e um cigarro viria a calhar, mas ao entrar na sala do patrão descobrira que o que ele queria era mais do que jogar conversa fora tomando umas, ele estava sendo demitido.

“Dispomos de um quadro elevado de servidores para pouca demanda” era isso; o já velho e cansado Ademar, perto da aposentadoria, foi chutado como um cão pela gerencia, depois de todos esses anos, juntaria o FGTS, mais a rescisão e se mandaria pra algum lugar longe de taxas, arquivos e caixas, se dera ao luxo de imaginar ao menos, porque sabia que não poderia, tinha contas a pagar e seu nome estava sujo na praça. Não quis despedir-se de ninguém, arrumou suas coisas e foi embora. Na rua, todo emocionado se recordava dos vinte e tantos anos passados por lá, mas haveria de seguir em frente, não quis, mas ao olhar para trás caiu no bueiro aberto, fedendo e todo

machucado, entrou no banco para sacar o dinheiro dos dias trabalhados junto à rescisão, colocou o dinheiro na meia e enfrentaria o trem lotado, depois um ônibus que foi assaltado, achou que o deixariam em paz por estar aparentando ser um mendigo sem sorte, mas levaram tudo o que tinha, o pessoal desceu do ônibus à espera da polícia, mas ele não quis ficar, foi a pé, ainda que fosse 15km até sua casa, quando chegou seu gato preto tinha sido atropelado, ainda estava na rua ensanguentado como que para despedir-se do dono, lamuriava seus últimos miados. A noite caiu e com ela, ele, no boteco da esquina, aquela sexta-feira não terminava, mas sua conta sim, discutira com o dono do bar e acabou levando um garrafada na cabeça, chamaram uma ambulância e o levaram ao pronto-socorro, a enfermeira confundiu os frascos de remédio e acabou aplicando insulina em suas veias, se afogou no próprio vômito e morreu.

Centro Espírita

Januário estava louco por um cigarro, mas não conhecia ninguém naquela escola, não sairia pedindo a esmo, haveria de ter empatia e parecia que ali era outro mundo, sentia-se sozinho, sentado no palco do pátio observava o movimento, gente de tudo quanto era jeito, conferira mais uma vez para certificar-se de que não tinha mesmo nem uma bituca, não mesmo, fósforos, isso havia, no bolso da jaqueta de couro cheia de rebites, era preciso manter a aparência, mesmo fazendo um calor infernal, tinha que mostrar que era diferente, era assim que se sentia, até que vira se aproximando um rapaz de cabelo comprido com camisa de rock in roll, trocaram olhares e ao mesmo tempo um disse: “Tem cigarro?” o outro: “Tem isqueiro?” daí surgiu uma amizade que duraria o resto de suas vidas, ainda que fosse apenas uma semana, em todos os dias dessa semana não desgrudaram um do outro, reconheceram reciprocamente o respeito e a humildade inata, iam na casa

um do outro ouvir discos de rock in roll, formaram uma banda, procuravam um guitarrista, enchiam a cara com pinga na praça quando conseguiam trocados cuidando de carros, e naquela sexta-feira decidiram ir na galeria do rock, a pé até a estação era um bom pedaço, mas não se importaram porque na companhia um do outro o caminho não era tão penoso e o tempo passava rápido, no meio do destino tinha um casarão abandonado, assim como toda a cercania, Januário propôs de entrarem para saberem o que havia lá, já o João ficara receoso e dissera que ali era um centro espírita, Januário achou ainda mais interessante e começou a zombar do amigo dizendo que ele estava com medo, João falava que não tinha medo algum, só que perderiam o trem e ainda tinha metade do caminho pela frente, nisso Januário já estava no muro gritando que havia um escorregador e balanço do outro lado, talvez pela nostalgia João foi atrás e os dois brincaram como crianças naquele playground, Januário desconfiava que ali teria sido uma escola, João para provar que era um centro espírita,

disse para entrarem no casarão, dito e feito, o ar era sinistro lá dentro, o cheiro de abandono, os móveis antigos e folhas de papel por todo lado, Januário achou engraçado encontrar um par de baquetas, justo o que precisava para dar início aos ensaios da banda, João preferira que não pegassem nada de lá, vai ver era amaldiçoado, Januário ria da situação, até que uma porta foi batida atrás deles, poderia ser o vento, disseram um pro outro, mas eles entraram pela janela quando constataram que a porta estava trancada, as coisas começaram a sair do previsto, deram com um banheiro imundo no final do corredor, devia haver algo morto lá dentro, e havia, um cachorro jazia na privada, maus presságios, o melhor era dar meia volta e sair dali o quanto antes, o cheiro estava impregnando, o sopro do vento fizera com que os papéis no chão formassem um rede-moinho no centro da sala, fazia um frio cortante, havia pouca luz e as paredes estavam mofadas, queriam sair dali logo, o impulso de correr o fizeram tropeçar um no outro e caíram no chão molhado sabe-se lá pelo o que, sentiam-se

enojados e ao trocarem o olhar constataram o pavor que estavam sentindo, deram um grito e saíram correndo mais uma vez, se cortaram no vidro da janela, ainda assim Januário insistiu nas baquetas ao contrário de João que alarmado dissera para deixar aquilo lá, enfim o playground, sentiam bem vindos pelos raios do sol e quando prepararam para pular o muro, embaixo havia dois policiais cada um com uma arma apontada para a bunda dos dois dizendo: “pulem, não era isso que iam fazer? Agora pulem” na calçada eles foram revistados.

- O que faziam aí dentro?
- Nada, só dando uma olhada.
- E o que é isso aí?
- Uma baqueta.
- Tem passagem?
- Não, estamos indo a pé...
- Vamos lá para dentro, ver se tudo está certo.

Foram algemados parecendo dois delinquentes na cena de um crime, como os policiais abriram o portão e a porta não souberam e não havia vizinhos por lá.

– Então vocês são duas bichas que tava dando um para o outro?

– Não senhor, só estava...

Uma coronhada na cara de Januário e seria difícil pronunciar mais alguma palavra pelos próximos instantes.

– Senhor, nós estávamos de bobeira e...

– Dois vagabundos...

– Não senhor, nós só...

E João conhece o sabor do próprio sangue com a coronhada na boca.

– Vocês são dois vagabundos ou duas bichas?

Vou dizer o que vou fazer, vou implantar cocaína no seus bolsos e dar um tiro na cara de cada um.

– Por favor, senhor... - João chorava alarmado.

– Melhor, vocês dois, um de frente ao outro... isso, agora dê um tapa na cara dessa bicha que te mandou pra cadeia, anda, foi culpa dele...

PLAFT!

– É assim que se faz! Agora dê um tapa na cara dessa bicha que te fez traficante.

PLAFT! PLAFT! PLAFT!

Ecoava no casarão os tapas dados um no outro, como se estivessem brigando, João chorava, mas estava determinado a não tomar um tiro, Januário estava furo com a situação e quando o policial apontou a arma dizendo que mataria os dois ele quis mesmo morrer, João ajoelhou-se implorando para que os deixassem em paz, ensanguentados, os dois só pararam quando o policial cansou.

– Certo, certo. Agora vocês aprenderam a lição. Agora ajoelhem e peçam perdão.

Ao apontar a arma, uma porta batera e o policial com o susto, disparara em Januário que caiu jazido no

chão, João aturdido, correu para fora onde o outro oficial o baleara pensando que estavam trocando tiros. Os policiais implantaram drogas e armas aos dois e o centro espírita esta em funcionamento hoje.

Osvaldo

- Osvaldo nunca falou na terapia em grupo, senão hoje.
- O que disse?
- Que vai matar todo mundo.

O Fútil e o Medíocre

O senhor Fútil não conseguia identificar o que era raciocínio de pensamento e nem memórias de ideias, eram tudo vozes indistintas que soavam e ecoavam em sua mente, murmurando em seus ouvidos, gemidos, gritos, ordens; procurou a religião, encontrou paranoias, pediu ajuda no Neuróticos Anônimos, lavou muitos banheiros, testou a psiquiatria, perdeu a liberdade.

O Medíocre rezou o pai nosso, ofereceu panfletos, iniciou um novo membro, diagnosticou loucuras.

Matam-se um ao outro e assim se mantém o equilíbrio.

O Propagador das Livres Ideias Esquecidas

Curiosamente havia uma carta debaixo de seu tapete feito a mão, presente dado por sua falecida mãe antes de sair de casa com seus 19 anos para tentar a vida em outra cidade, na qual teria sido pior se não tivesse conhecido seu marido, um experiente soldado da Força Tarefa Urbana, renomado, passou a ser sargento congratulado pelo próprio “Signo Vincens”, conheceram-se na estação onde ela fora revistada, “procedimento padrão minha jovem”, ela ficara insatisfeita e indignada, gritava que aquilo era um absurdo, os soldados a levaram para uma base para prendê-la por desacato, mas queriam mesmo era se aproveitarem da pobre moça, cinco soldados a amarraram numa cadeira, levantaram seu vestido e discutiam quem seria o primeiro, ela aos prantos não tinha mais forças para gritar quando que por um milagre o sargento aos berros chegara para salvá-la.

No principio sentia-se temerosa, mas com o tempo o sargento a conquistou e casaram-se numa bela cerimônia veiculada por toda mídia, com presenças ilustres de militares, diplomatas e representantes do governo. Não precisava trabalhar, tinha tudo o que precisava, senão liberdade, todos os dias, quando seu marido encontrava-se em casa, isso resumia-se a duas ou três vezes na semana, discutiam rotineiramente, ele não aceitava que ela saísse de casa, tão pouco fosse professora. Sua origem, seus princípios e seu orgulho eram mais fortes, quando ainda as discussões terminavam em sexo com juras e desculpas de ambos os lados era bom, mas de uns tempos para cá terminavam aos prantos com um dos olhos roxo e o nariz sangrando, manjando o tapete indiano, que substituíra o de sua mãe, presente da vossa excelência “Signo Vincens”.

Olhou para os lados, para certificar-se de não estar sendo filmada, abaixou-se e apanhou a carta. Cruzou a sala de estar, ignorou a governanta que reclamava qualquer coisa e foi direto para o escritório que outrora fora de seu

marido, ali organizava todas suas aulas, corrigia as lições, estudava, preparava as avaliações, ouvia musicas eruditas, fazia pequenos exercícios de relaxamento e fazia o que mais lhe dava prazer: sentir-se só e bem consigo mesma. Já era a quinta carta que recebia sem remetentes, obviamente da mesma pessoa, continha apenas uma rosa vermelha seca em cada uma delas, o destinatário do envelope havia sempre escrito brevemente: “Professora”. Perguntava-se quem poderia estar mandando aquelas cartas misteriosas, que significado teria, era um aviso, uma ameaça? E como poderia receber tais cartas se tudo o que entrava e saia daquela maldita mansão eram monitorado 24 horas por dia? Quem ousaria ameaçar a esposa do sargento da F. T. U? De longe não poderia ser um de seus alunos, não tinha amigos e tão poucos inimigos, mas quem poderia ser?

O simples ato de escrever e enviar uma carta significava proximidade e intimidade, poucas eram as ocasiões que isso proporcionava, geralmente cartas eram

manuscritas em segredo e enviados com a mais absoluta discrição e por pessoas confiáveis. As leis eram severamente rudes quanto ao fato, basta ler os versículos cinco ao nove do capítulo dezesseis de nosso código penal estoica nacional.

Nuvens negras carregadas vinham sobrepor-se a monotonia azulada do céu e amenizar o calor do verão, teríamos uma bela tempestade, levantando a veneziana, absorta em seus pensamentos, compreendia que seria de muito bom grado ver os pingos caírem, sentindo-se furtiva em ter tal sentimento, deitada ouvindo e vendo um dos maiores espetáculos que só a natureza poderia proporcionar. Frustradamente lembrava-se que ouvira em algum meio de informação que a tempestade já estava sendo controlada e reprimida, o governo pelo bem de sua nação já resolvera o pequeno incidente. E era cada vez mais raro tal fenômeno, antes nem mesmo podia sentir o cheiro que vem de longe da chuva, lá donde os Demônios

habitam, dizem que a chuva é ainda, mesmo depois de Noé e o dilúvio, o fenômeno mais funesto que existe, com a maior taxa de mortalidade na estoica nação. A chuva quando vinha trazia consigo as malevolências do que antes era a cidade, os ácidos, a poluição, a porcaria toda, agora aqui no campo, no interior, ou como os governantes preferem e referem a dizer: na estoica nação, não haveria mais chuvas, a ciência e o homem evoluíram demais e não necessitam de fenômenos da natureza para os seus próprios fins, as verduras, as frutas, tudo que era vegetal já não é mais, tudo faz parte do passado em que pouco a pouco todos haverão de esquecer. Que maravilhosa tecnologia, saudosa ciência específica, glorioso governo, que admirável mundo novo! Oh! Dá-nos até emoção de lembrar o caos em que vivíamos, a anarquia ultrajante que éramos sobrepostos, bendita seja a nação estoica, o nosso querido Signo Vines! Era assim que ela devia pensar, pensou. E com o pensamento uma lagrima caiu sobre a veneziana semiaberta, não havia nada lá fora que lhe interessasse

naquele momento de tristeza, ficou um tanto enaltecida pelo que pensara, soltara a veneziana um tanto com reboliço, em um milésimo de segundo subiu mostrando lá fora o solitário e decadente jardim artificial e desceu causando impacto com o vão da janela, o rumor não fora alto o bastante para alarde, mas o bastante para voltar a si e perceber a rosa ainda na mesa, sem vida, sem seu aroma característico, seca como tudo que havia na vida que levava. Ressaltou a imprudência daquele ato insano, tão certo hostil para qualquer que fosse a pessoa que visse a rosa, ou o fato de tê-la recebido. Certamente o remetente tinha astúcia, um meio obscuro para fazer aquela rosa chegar a suas mãos, poderia estar sendo vigiada, só que estava sendo vigiada, todos eram vigiados, a liberdade implicava em não haver privacidade, e a privacidade implicava em não haver liberdade. Cada gesto e cada ato eram observados, cada movimento suspeito, mesmo a alusão a qualquer sentimento contra os termos, as leis, e decretos da vossa magnificência Signo Vinces. Uma rosa,

quanto tempo não via uma? Nem ao menos poderia lembrar-se qual perfume tinha ela, mesmo sabendo que sua mãe a plantava em seu pequeno jardim, quando a chuva ainda era natural, quando ainda não machucava as flores e as pessoas, trazia a vida e não a morte, a alegria no verão para as crianças que correndo no meio da rua que se divertiam loucamente, a inspiração poética para aqueles que a apreciavam, o ganha pão dos pequenos agricultores. Ainda menina sentia a brisa do vento trazer consigo o doce perfume das rosas quando brincava no quintal com outras crianças, mas as coisas mudaram de tal forma que era incapaz de lembrar-se do doce aroma de qualquer que seja a flor, tudo agora não passa de sintético, artificial, robótico, insuficiente, pra ela o que era pior, tudo era demasiado humano.

Lembrou-se que teria aula dali umas horas e perdera tempo demais pensando naquelas baboseiras, deveria estar preparando suas aulas, administrando melhor o tempo em que ficava só. Exercitar sua mente, não apegando-se ao

passado, todavia é complicado, uma vez que há uma sistematização inconsciente em cada um de nós, nos faz caminhar sem rumo sem olhar para os lados, tendo como meta sempre o que está inatingível, para que no final ter de olhar para trás e ver tudo o que fora perdido e esquecido, notando os erros inconcebíveis causados, mesmo sabendo que neles, nos erros e no passado, é que estão a glória derrotada pelo agora. Era uma questão interessante a ser debatida em sua aula, fosse há outros tempos, onde o passado não deveria ser excluído e inalterável, o passado de agora é o mesmo que será amanhã e depois, o passado de agora não existe no passado, mas sim no futuro, nos interesses do governo, interesses esses em manter afastado do povo todos os erros do próprio governo, todas outras formas de governar, excluir toda contradição instalada, confundindo assim o presente do passado, agora, hoje, nunca antes, é como se nunca tivesse existido o ontem e o anterior, hoje é amanhã eternamente. Já não podia controlar seus pensamentos, tudo vinha freneticamente em sua

mente, lembranças, ideias, devaneios, como se já tivesse discutido isso, como se cada palavra, cada frase fosse dita por pessoas diferentes, não há coerência nisso tudo, eram vozes alheias, gritos, protestos, sentou á escrivaninha e a rosa fez-lhe lembrar, agora nitidamente, era o começo de um verão quente com chuvas periódicas, sentados estavam à sombra de uma bela e volumosa mangueira, havia o zumbido das moscas e abelhas que se aproveitavam das frutas maduras e podres que estavam no chão, os alunos pareciam não se importar com a terra úmida, o cheiro azedo e doce no ar, discutiam abertamente, alguns gritavam, era difícil entender ao certo qual era a questão debatida, tão pouco o que debatiam, mas agora lembrara, os erros, o passado, amanhã, ontem, todas essas coisas de o passado é o mesmo que será amanhã e que um dia não haverá o ontem, e os dias serão para sempre, ideias apocalípticas de que viveríamos numa ilha isolada da cidade, que já haviam projetos de arquitetos, engenheiros e cientistas de uma sociedade semi-perfeita, que os dias

estavam contados, seria o ultimo verão para aqueles que ali se encontravam, que já não era mais boato de que a chuva estava deixando mais mortos do que a própria guerra, sim, lembrara sobretudo de um rapaz um tanto tímido, parecia pensar indiferente a tudo aquilo, parecia que já sabia daquilo tudo antes mesmo deles saberem, como se já estivéssemos vivendo como estão agora, usava uma boina, do tipo mais antigo e antiquado que existia, era possível que aquela fosse a ultima boina no mundo, nem sabia que aquilo se chamava assim, fora uma de suas colegas que lhe dissera como aquele homem era estranho e que usava roupas engraçadas e antigas e que estava propenso a ser enviado a guerra para morrer porque aquele tipo era subversivo, ele ouvia tudo e não dizia nada, em quase todas as aulas, como se estivesse lá apenas para ver o que passava, como um espião ou qualquer coisa, se retirava sem que ninguém o visse, era uma sombra, era de fato estranho, mas na aurora daquela tarde ele disse a única e a ultima frase em todos aqueles anos que estudaram juntos,

ele levantara de súbito, mas com movimentos leves como em câmara lenta, todos pararam para ver aquele ser, como um morto levantando de sua cova, calaram-se, ouvia-se ao longe os sons da noite que vinha cobrir a tarde com suas trevas, não podia ver seu rosto, nem seus feições, mas seus gestos eram breves, seu semblante carregado, como que estava cansado de tudo aquilo, cansado de toda conversa, das discussões, do mundo, de viver, parecia um ser solitário, por isso causava medo, com ar profeta e uma voz quase inaudível e rouca, parecia que a olhava, disse suspirando o ar puro de umidade, ácido e poluição: “será difícil viver sem as rosas”.

A professora que levanta-se de súbito, procura na escuridão desesperada algo para certificar-se onde esta, outrora poria os braços ao lado, para que o sargento, seu marido, a assegurasse, que dissesse que fora só um pesadelo e que estava tudo bem, calma meu anjo, por que assim ele a chamaria carinhosamente, entretanto sua

ausência continua ao lado da cama, no corredor, nessa escuridão, nos outros quartos, no escritório onde mais ficava, enfim, em toda casa, talvez até nela mesma. Ela constata enquanto com as palmas das mãos enxuga as lágrimas de seus olhos cansados, pesados e insones, que não se deixam fechar a muitas noites, sua própria ausência. Já não há escuridão, o abajur está aceso, ou a lâmpada do mesmo, como desejarem, importante não deixar pormenores inconvenientes, tem ao seu lado na cabeceira os remédios que a faziam dormir, enquanto ainda faziam efeito, pega caixa de um deles, já inconsciente, seus pensamentos estão em outro lugar, ou em lugar nenhum, não podemos aqui adivinhar os pensamentos, quem somos nós? Talvez esteja a recordar alguma aventura passada, ou mesmo tentando dormir de olhos abertos, nunca se sabe, o caso é que ela se assustou, percebeu-se vaga, olhando para uma caixa de medicamentos para dormir, jogou-a contra a porta, nostalgizando situações semelhantes a essa, mas com a presença do sargento. Que horas eram, perguntou-se

infinamente. Se pudéssemos dizer-lhe a ela as horas, diríamos que são exatamente quatro horas e doze minutos. Ela esta sentada ao lado da cama, procurando com os pés um calçado, esquecendo-se que o quarto fora forrado com carpete até uns dias atrás, difícil perder o vicio, já desistiu, mas recusou-se a conformar-se. Não tem muito que fazer agora, senão vaguear pelos corredores, ligar o aparelho televisivo ver as mesmas noticias , os mesmos noticiadores, as mesmas preocupações, o mais dos mesmos. Não se entretêm facilmente e não se deixa levar e convencer-se futilmente, alguns diriam sem pestanejar que a professora é culta e intelectual, não simplesmente por não permitir-se a corriqueiras manias de acompanhar os fatos de um mundo cada vez mais previsível em suas metodologias, em suas mentiras e verdades, mas por notarmos em suas estantes, em seus gestos a até mesmo em seus anseios fragmentos de um ser pensante e autoconsciente. O apreço pelos livros se deu quando os mesmos estavam em sua decadência, os avanços tecnológicos nunca acolitou com as simplicidades,

com as culturas e com o humano em si, a busca por modificar e melhorar acarretaram em extinções, malefícios benéficos tal como o antigo problema do ser e estar, somos hoje, talvez desde sempre, o que temos de ser, o que querem que sejamos, e estamos, seja em estado físico ou psicológico, material ou mentalmente, onde devemos estar. E ainda que os fins justifiquem os meios, os meios justifiquem fins e os fins e os meios se justifiquem sós, foi uma condição que abrimos mão de escolha, demos voluntariamente nosso estado de ser e estar em troca da livre servidão escrava de dependentes. Banzava em suas conclusões e incertezas em proposições, balbuciava reflexões tentando não submeter-se à fundo num estado culminante de insensatez, afinal nunca chegamos à um consenso, de imediato só a leve sensação ainda incerta de conclusão. No parapeito de uma janela aberta olhava sem expressão a rua deserta, decerta não via o sol nascer havia muito tempo, deixou-se admirar com os primeiros raios solares que viam do infinito, rompendo estrelas, que

atravessa a galaxia, que surge ao longe, no horizonte para que só então penetre sobre a terra, cumpra outra jornada, seja admirado por outros olhares, bem quisto por aqueles que veem sua importância para com a vida e enfim reflexa em sua janela e possa ver sua própria silhueta, consignou sua presença física, constatou a ausência de si mesma. É incerto descrever com palavras um pensamento que surge vagamente em seu ínfimo, uma parte dela mesma que está e simplesmente não está, podemos apenas dizer que em situações dessa magnitude ela desprende-se de seu eu, para que no ar, no clamor de um sentimento ela não estava mais onde estava, não via e não sentia ela nela mesma, via-se dispersa em devaneios e sensações, num pouco de tanto e de tudo, de quantificações, era só e não o era, era quantidade, e sentia-se nula, sentia-se o próprio nada. E do nada, ouvia-se um ruído ao longe, gritos ansiados por requerer e de querer. Estava a um ponto de entregar os pontos e viver a mais profunda das incertezas, viver a margem de tudo e submeter-se ao nada, ou a si mesma, se

assim a própria deslignifica-se. Desacordou em sua cama, despertou-se os sentidos, estava atrasada.

Por entre uma fresta do portão principal já podia sentir exalar o éter. Esquecera-se outra vez que aquela entrada era exclusiva dos alunos, não quis dar a volta pela escola para entrar pelo portão dos professores, o transporte pelo qual o trouxe a esse lugar já fora bastante para sentir-se como um animal adestrado. Seu marido repudiava suas ações, uma dama esposa de um renomado sargento da força tarefa urbana a usar um transporte publico era demasiado incomum, pra não dizer um ultraje. E a professora admirava-se a si própria por usar desses artifícios incomuns, tão comuns em caráteres intervertidos.

A sala não estava cheia, a ameaça de tempestade, mesmo sendo ridicularizada nos meios midiáticos, amedrontara parte dos civis da estoica cidade, os poucos que ali estavam, permaneciam munidos e preparados com seus capuzes anti-ácidos. Pediu gentilmente que tirassem o

traje e informou-os que estavam em segurança. Sem pestanejar, e nenhum rumor se quer, como que recebessem uma ordem de um sargento, respeitaram o pedido como à uma advertência e tiraram os capuzes. Todos em pé louvaram Signo Vines no hino magnífico. A aula começaria. De mesa em mesa partilhava do que estudavam os alunos com seus aparatos científicos, sua única educação era somente guiar os proles em suas devidas diretrizes, sabendo em si mesma que isso não passava de uma distribuição de valores e informações que o Estado os impusera, teve uma epifania. Se a pessoa era audaciosa o bastante para lhe enviar uma mensagem de que ainda há vida nessa decadência inescrupulosa metamorfoseada em rosa, poderia ela também usar de meios metafóricos na educação de seus alunos.

Os Demônios viviam debaixo da terra, sobreviventes excluídos que foram forçados à permanecerem no que um dia veio a ser a cidade. A chuva ácida e o ar tóxico da

superfície devastara toda vida existente, o concreto diluía-se aos poucos soterrando os dutos onde faziam de abrigo. Estavam condenados. Viviam em colonias. Os alimentos eram adquiridos quando grupos organizados subiam até as ruas à procura dos estabelecimentos que não tivessem sido saqueados. Munidos de mascaras anti-ácidos, e guarda-chuvas de metal, passavam meses a fio na fome e no frio à procura de mantimentos, remédios e ou o que conseguissem encontrar, praticavam canibalismo quando um dos seus partisse se não tivessem sido contaminados pelo ácido, acreditavam que assim estariam eternamente unidos de corpo e alma.

A professora fora surpreendida com mais uma carta, dessa vez deixada em seu armário na sala dos professores, agora havia algo escrito na rosa seca e eram números, não demorou muito para entender que eram coordenadas e que se trataria de um encontro, pois também havia indicado o dia e as horas, decidiu mostrar ao seu marido, já estava

indo longe demais e não estava preparada para o que viesse, ele saberia lidar com a situação e até mesmo acabaria com essa brincadeira sem graça, mas e se ele pensar que estavam tendo um caso? Se não confiar nela? Seu gênio horrível falaria mais alto e acabariam brigando, o que faria? Decidiu procurar saber sobre o local, talvez pudesse indicar alguma coisa sobre o remetente e quando descobriu que lá era uma igreja, ela sentiu-se um pouco mais segura, Demônios não entram em igrejas e pensava que isso só poderia vir de um deles, Anjos não se escondem atrás do anonimato, e o que um Anjo iria querer com ela?

Os Anjos eram caçadores de Demônios e estavam acima da Força Tarefa Urbana, braço direito de Signo Vines.

Então ela foi, movida pela curiosidade e acima de tudo pelo significado das rosas ela foi, procurou por toda igreja, mas não havia ninguém, foi ao confessionário e

encontrara um rosa seca no assentamento, sentou-se e ao fechar a porta, uma voz vinda do outro lado soou obscuramente:

– As rosas e todas as flores, eu ás tenho e te ofereço como boas vindas de um novo mundo.

– Eu te conheço, você é aquele... aquele, subversivo que...

– Minhas intenções são puras, se é o que pensa.

– Você é um Anjo ou um Demônio?

– Não existem Anjos e Demônios, somos antes de qualquer coisa, humanos, nos separaram para lucrarem com a guerra e fazer esquecer o que esta em jogo, a vida. Eu quero acabar com tudo isso e estou disposto ao que for preciso.

– O que eu tenho a ver com isso?

– Você é um intermédio, rogo pelo o que há de melhor em você, pelo o que foi um dia e que ainda é infimamente, mas não vem podendo ser.

- Sou uma professora, só isso.
- Sei das suas intenções na educação, louvar

Signo Vines? Por favor, sabemos quem ele é, por isso precisa de mim tanto quanto preciso de você, para fazermos a revolução acontecer. Pense nisso, entrarei em contato.

Nos meios midiáticos não se falava em outra coisa senão a grande conferencia mundial na Estoica Nação com presenças ilustres de governantes, diplomatas, reis e rainhas, nunca algo parecido acontecera antes, e para proporcionar a melhor hospitalidade rumores de que haveria paz na união, promessa de extinção dos Demônios pelos Anjos, os dias estavam todos conturbados e confusos, o povo estoico ansiava pelo fim da guerra, era tempo de mudança e isso era perceptivo através do medo que rondava perante o presente, a incerteza diante o desconhecido, a atmosfera tensa e as noites frias, o silencio imperava e o temor cada vez mais angustiante, não se saia nas ruas, os Demônios se escondiam nas sombras, os Anjos

à espreita, o único acalentamento era nas palavras de Signo Vines, “o povo forte é aquele que não teme por seu futuro, não anseia o presente e não vive no passado, os Anjos se encarregam dos Demônios, o Povo carrega o fardo das intempéries dessa cruel guerra e a Estoica Nação se legitima na morte de cada um e em toda a vida existente, juntos somos um todo, separados não somos nada, confiai à vossa magnificência vosso destino e seremos vencedores eternos.”

A Professora recebera mais uma carta, esta com remetente e o selo da Estoica Nação, era um convite especial para a conferencia mundial, apenas pessoas ligadas ao governo teria o privilégio, ela de certa forma sentira decepcionada quando soube que não era sua rosa seca costumeira, como era possível cultivá-las naqueles tempos? E onde? Quanto mais dúvidas tinha, mais se interessava pelo dito Subversivo a ponto de cogitar ajudá-lo, fazer parte do que poderia ser uma revolução era

incomensurável, quantas noites perdidas de sono por tanto pensar no que poderia ser o mundo se não fosse a artificialidade reinante? E a liberdade, o que poderia ser sair sem precisar pedir autorização? Educar a prole sem os métodos obrigatórios e dogmáticos do Estado da Estoica Nação, livres de influencias e proibições, livre para escolher, livre para pensar, livre de ser o que quiser que seja, decidiu-se assim ser, livre e queria que todos pudessem também o ser, faria o que fosse necessário, naquela noite não precisara de remédios para dormir.

Na manhã seguinte acordara disposta e o que esperava aconteceu, lá estava sua rosa seca, no meio do jardim artificial, nas pétalas escrito as coordenadas, o dia e a hora, como na última rosa, deixou fugir um grito de alegria, mas estava sozinha, deleitou-se da euforia e foi á procura do mapa, não poderia pesquisar no computador, era evidente que só o termo de pesquisa já faria chamar a atenção, por isso deixara o mapa debaixo do colchão e

ainda estava lá, calculou e chegou ao veredito: já estava onde seria o encontro, acessara o computador da mente e constataria que estava na hora, de algum modo o Subversivo tinha entrado em sua casa e sem ser visto, entrou em pânico e correu para o quarto onde ele estava.

– Como? Quando? Você... meu deus, se te pegam aqui...

– Calma, estamos sós e ninguém irá nos importunar. Bom dia! Teve bons sonhos?

Ela desmaiara e quando acordou não estava em sua casa, não sabia onde estava, sentia o cheiro de flores no ar, o lugar era estreito e escuro como uma caverna, foi tateando rumo à claridade à procura da saída e encontrara uma caixa grande de madeira, era um caixão, estava num mausoléu trancada, gritava por socorro até convencer-se de que não havia ninguém, senão os mortos.

Os preparativos estavam a toda, jornalistas à espreita, uma multidão aglomerada ao redor de um tapete

vermelho que dava para a entrada no gigantesco centro de eventos, Signo Vines em pessoa apareceria aquela tarde, tropas da Força Tarefa Urbana marchavam e todos os saudavam, um sentimento misto de segurança e medo, aos poucos os convidados chegavam para pequenos alvoroços, até ser total quando representantes do governo colocavam os pés no tapete.

Entre eles via-se a Professora e o Subversivo, entraram sem problemas, caminhando lentamente enquanto fotógrafos procuravam o melhor ângulo, no cemitério ficou acordado que se ela fosse com ele na cerimonia a deixaria em paz, assim parecia ser feito, mas quando passaram por um soldado da F.T.U que pareceu reconhece-la, a ordem era revistá-los, o homem que estava com ela sacara uma pistola dera dois tiros para o alto e a fizera de refém, estava montado o circo, as pessoas entraram em pânico, os soldados se desarmavam a medida que os dois iam entrando, até avistarem Signo Vines que tentava fugir pelos fundos, reconheceram aí o tipo de governante que

tinham, quando percebeu que estava encurralado virou-se frente à frente com os dois, ao receber três tiros na cabeça se quer caiu no chão, desembrulhou-se pela cabeça mostrando sua real forma, era uma criatura inumana, Subversivo não esperaria pela reação da coisa, assassinara a Professora e se suicidara.

Multiversos

gritos angustiantes antecedem o silencio perpétuo
vozes indistintas precedem o estopim de sangue e
dor

o sofrimento se regenera na tristeza
a solidão assombra na vileza e na sombra da noite
o instante é eternamente sóbrio
delírio eloquente sobressai-se da consciência
inconsistentemente a sensatez se abdica
no labirinto da vida a morte é a saída

e a entrada ao desconhecido multi-universo das possibilidades de novos versos escondidos e secretos.

Decerto enquanto vivo sofre
e quando morre se expande
o tempo inexistente
e o caos é reinante.

O Livro

“Prometo que essa é a ultima vez que peço, se a resposta for positiva, envia-me uma mensagem, beijos.”

Enviar? Enviado. Alfredo não se contentava com o que tinha, queria sempre mais, tinha um apreço pelos livros desde cedo quando aprendera a ler, devorava os gibis que roubava da escola, apreciava os momentos das aulas de leitura naquelas tardes frias de inverno, o silencio era maravilhoso, entrava em outros mundos, sentia-se um alienígena, astronauta da literatura. Quando enviara a mensagem na rede social para sua irmã, estava falando

sério, seria mesmo a última vez que pediria dinheiro emprestado, estava prestes a mudar toda sua vida com o livro que queria comprar, o mais novo romance de Baltasar Neto, uma lenda no gênero terror, que era, se acreditasse em coincidências, conterrâneo de sua terra natal, São Onofre. Olhando para as suas prateleiras repleta de coleções e raridades de livros ele pensava onde o colocaria, já que espaço estava um tanto escasso, se fizesse uma pilha do chão ao teto, talvez fosse suprir o problema e acabou achando a ideia até divertida, enquanto ria consigo mesmo, no computador vinha o som característico de quando uma mensagem é recebida, girou a cadeira e olhou pelo ombro e riu ainda mais: Positivo!

Sua irmã fizera a gentileza de comprar e mandar entregar para ele, o que lhe renderia uma porção de tempo, já que teria que ou ir até a loja lá no centro ou imprimir o boleto e pagar em alguma lotérica numa compra pela internet, mandou coraçõezinhos e uma promessa de que cumpriria a promessa.

Quando a entrega chegou, ele mesmo atendeu, quis deixar uma gorjeta, mas não tinha nenhum, a embalagem era um simples papelão envolto em fita adesiva, foi rapidamente atrás do canivete, mas se conteve um instante, pensou em cada livro lido do autor, esse certamente seria formidável, só havia críticas positivas, muito bem, o pôs de lado preferindo apreciar o mistério, afinal o instante é tão derradeiro e pouco aproveitável, quis estender aqueles momentos, até sentir-se imbecil e meter o canivete na embalagem.

Só que o livro não parecia bem um livro, era diferente de todos que já tivera e que conhecia até então, pra começar não tinha título, a capa era preta e só, foi para a primeira página também livre de qualquer caractere, letra ou que fosse, estava sentindo-se enganado quando virou a próxima página e lá estava escrito “Alfredo”, seu coração bateu mais forte então e não parou mais de virar as páginas devorando-o sem pudor, lendo e lendo, mal respirava. Aquilo não podia estar acontecendo, o livro estava falando,

estava escrito, ele lia e era com ele que dialogava, voltou a primeira página umas dez vezes, relia cada vez que avançava e ainda assim não acreditava, era sua vida que estava ali, e tudo o que iria acontecer com ela, parou na parte em que “lia e relia, voltou a primeira página” e então fazia o que estava escrito, a história do livro era sua vida. Para provar a si mesmo, ele resolveu pular algumas páginas e ver o que aconteceria, seria como ver o futuro, estava à um passo do que poderia ser uma maldição ou uma benção, abriu o livro na página 44, leu a primeira linha: “o fim de tudo se aproximava”foi quando entrou em pânico, pegou o telefone e ligou para sua irmã, caía na caixa postal, devia estar atendendo à um paciente, pensou, decidiu ir pessoalmente ao consultório, mas antes disso não se conteve e teve de dar mais uma olhada, dessa vez na página 78: “Entrara no consultório gritando que aquilo era uma brincadeira sem graça, no que fora sedado e contido pelos enfermeiros.”

Acordou num quarto colchoado com uma dor de cabeça insuportável, foi até a porta manquitolando, havia uma pequena janela entreaberta que alguém devia ter esquecido de fechar, pôs a mão no vão na esperança de abrir a porta, mas antes da maçaneta o que achou foi um suporte com seu livro, abriu na ultima página:

“CID10 F20: Esquizofrenia paranoide”

Do Fruto

Se deus cometeu um erro, aqui estou eu, a prova viva e não é só por eu ter um potencial suicida, mas antes disso por eu estar vivo, sobrevivendo, amaldiçoo cada respiro dado pelo meu pulmão entoxicado do ar desse planeta, maldigo todo indivíduo dessa sociedade, assassino toda motivação altruísta vinda do mais profundo querer do meu ser, vou provar todas as maçãs de todas as arvores que estiverem no meu caminho, prazer sou Adão, o Andarilho.

Don e sua rede social

Considerarei as solicitações de assassinato.

Possessão

É sábado
acendo um cigarro
que tal um jazz?
Cafeína a companhia de sempre
A dopamina domina minha mente
Comprimidos e coração partido
Ela não vem e se nunca virá
A realidade dói tanto quanto a esperança machuca
Me apego a chuva
a música minha fuga
me leva a lugares inabitados
então vai

deixa o trompete chorar
já que minhas lágrimas não caem
as mágoas da vida é todo dia e toda noite
saudades tanta
não estou aguentando mais
então vai
faça como sempre faz
me deixe aqui sozinho
fugindo do que poderia ser
vou ao encontro do destino
armado
lhe daria uns tiros
e me suicidarei.

Teoria do Acaso

É inverno em São Onofre, a chuva predomina e os instantes são derradeiros, vividos intensamente por nosso herói, angustiosamente para ele será viver sob a responsabilidade de ser alguém querido, o esforço de manter seus princípios intactos, o fazer o bem e manter a sanidade sóbria entre todas as palavras e sentimentos, por essas páginas e no imaginário abstrato o comete a ser o que é, reles aspirante à escritor, por isso fracassado, então ostracizado, portanto, como todo mundo, sofredor. Mas ele tenta ao menos tornar seu sofrimento arte, usando do martírio ferramenta, construindo aos poucos um castelo psíquico de ilusões proeminentes onde habita seus sonhos mais infantis de finais felizes, utopias de igualdade para todos os seres, amor ao próximo e toda merda politicamente correta. Ele se farta de sonhar, por isso não dorme, quando acordado tenta não pensar, roboticamente vive na racionalização onde encontrou sentido para o que

parecia não haver, a teoria do acaso é uma razão de existência e ele procurará dentro das horas determinar quando o acontecerá, se consiste simplesmente em quando o ponteiro dos minutos encontra-se com o das horas, nesse instante é determinado o acaso.

Dentro de seu escritório, digitando seu ultimo livro, são 13:13am, ele se levanta, vai até o banheiro, alivia-se, lava-se e na cozinha coloca um bule com água para ferver afim de preparar um café, embaixo da pia esta o utensílio em que vai o filtro de papel, a açúcar á coloca na água e então volta para o computador, escreve:

“É inverno em São Onofre, a chuva predomina e os instantes são derradeiros, vividos intensamente por nosso herói, angustiosamente para ele será viver sob a responsabilidade de ser alguém querido, o esforço de manter seus princípios intactos, o fazer o bem e manter a sanidade sóbria entre todas as palavras e sentimentos, por essas páginas e no imaginário abstrato o comete a ser o que é, reles aspirante à escritor, por isso fracassado, então

ostracizado, portanto, como todo mundo, sofredor. Mas ele tenta ao menos tornar seu sofrimento arte, usando do martírio ferramenta, construindo aos poucos um castelo psíquico de ilusões proeminentes onde habita seus sonhos mais infantis de finais felizes, utopias de igualdade para todos os seres, amor ao próximo e toda merda politicamente correta. Ele se farta de sonhar, por isso não dorme, quando acordado tenta não pensar, roboticamente vive na racionalização onde encontrou sentido para o que parecia não haver, a teoria do acaso é uma razão de existência e ele procurará dentro das horas determinar quando o acontecerá, se consiste simplesmente em quando o ponteiro dos minutos encontra-se com o das horas, nesse instante é determinado o acaso, o tempo se abre e em um minuto, séculos acontecem no caos das escolhas.”

E no instante que isso é revelado, olha para o relógio, são 15:15am, sente um cheiro de queimado, então é carbonizado.

Anjo da Escuridão

A vida me adoece
As minhas células são suicidas
Meus neurônios canibais
A dopamina domina minha mente
Apatia assassina as emoções
Vivo em constante agonia
Sofrendo em todas as dimensões
Minha alma foi vendida
Meu espírito é um foragido
Aguardo no purgatório
Preces, rezas, oferendas e orações
Banido da constelação de Orion
Sou o corpo e o sangue de gerações
Fruto do pecado
Abençoado por uma maldição
Filho de deus, irmão do diabo
Sou o anjo da escuridão

Nas asas do contrário
Enclausurado na solidão
Sociopata inato.

Dentro dos Sonhos

Sérgio despertara pela madrugada aflito,
reconheceu-se no mundo e fora tomar um copo com água,
na escuridão ele perambulou sem se esbarrar com nenhum
móvel, abriu a porta da geladeira e a luz que vinha de
dentro iluminou parcialmente o breu da cozinha, pôde ver o
sofá na sala claramente, deixara a porta da geladeira aberta
e fora sentar-se, pusera o copo no braço do sofá, com as
mãos livres as passara nos olhos fechados descendo pelo
rosto, até as mãos encontrarem-se e ficarem como que
tivesse fazendo uma prece, o que poderia ser de fato,
pensara, já que pedia a alguma força, se existisse, que
pudesse dormir sossegado, há quantas noites ritualizava
rotineiramente a mesma situação? Era sempre o mesmo, no

sonho um homem sem face cavalgava um cavalo cinza num campo aberto até fechar sua visão, então era tudo preto, despertava, tomava sua água e não pregava mais os olhos, essa noite decidira caminhar, talvez espirecendo os pensamentos e o corpo em movimento o sono viesse, assim que colocara os pés na rua ouvia de longe o galope de um cavalo, não quis certificar-se de que haveria um homem sem face, voltara pra cama com o coração saindo pela boca, mas adormeceu e no outro dia conseguira ir normalmente ao trabalho, sem ter ouvido ou visto nenhum cavalo, quando voltara pra casa abastecera o bar da sala, estava harto a ter uma noite de sono, nem que tivesse que recorrer ao velho vício, não bebia há um bom tempo, às onze estava caído no chão da sala embriagado, reuniu as últimas forças que tinha e fora pra cama, dormira e sonhara, lá vinha o homem sem face num cavalo cinza tapar sua visão, não acordou mais.

A Maldição da Esmola

Antônio Carlos fazia de seu braço uma guitarra imaginária, era preciso praticar, sua banda faria o primeiro show em breve, assim que pegasse todas as musicas que fariam covers. Seus dedos se movimentavam a medida em que o solo era destoado pelo mp3 que tinha ganhado de sua avó, com os fones no ouvido pouco ou nada ouvia do que vinha de fora, ele era a musica e a musica pulsava junto às batidas do coração, quase perdeu a chance de desembarcar na estação da Sé, salvo pelo reconhecimento que teve num momento de consciência, em seus pensamentos via-se num palco e a galera curtia até não mais poder, não ouviu soar o apito característico do trem pela musica alta e a sensação de não se estar onde estava, quando voltou a si, deu-se conta de que haveria de descer, antes que as portas se fechassem, saiu em disparada desculpando-se com quem esbarrava, mas conseguiu finalmente sair, a estação não

estava tão lotada quanto estaria num horário de pico, ainda assim sentiu-se deslocado no meio da multidão e viu-se a repetir o trajeto roboticamente que faziam, foi quando olhou para o chão e encontrou uma carteira, pegou-a rapidamente e a pôs no bolso como se fosse sua, tirou os fones de ouvido para ouvir os próprios pensamentos e decidiu que longe dali ele olharia e veria que só havia uma nota de 50 reais, nada além disso, nenhum documento, o que lhe causou alívio e sentiu-se com sorte, teria que atravessar o túnel até o poupatempo para chegar onde deveria ir, no caminho havia um velho tocando um violão, de longe identificou na hora a música, era a mesma pela qual fazia de seu braço uma guitarra no trem, o mesmo solo, um chapéu estava no chão para quem pudesse o ajudar na vida que escolheu como músico, Antônio Carlos olhara nos olhos do velho e não sentiu nenhuma empatia, pelo contrário, ficou com medo, passou a andar mais rápido, subiu as escadas correndo, mas onde saiu foi na bilheteria do metrô, não era possível, fez o caminho

novamente e lá estava o velho tocando o mesmo solo, quando o olhou nos olhos, viu que ele sorriu, o medo passou a ser pânico, subira novamente a escada e deu na mesma bilheteria, andava em circulo, e não havia saída, até que lembrara da carteira, pegou-a e foi andando com ela nas mãos, quando chegava perto do velho e ouvia a mesma musica, decidiu depositar a carteira no chapéu, assim cumpriria com o destino, o fez, e quando subiu as escadas lá estava o mundo de volta com seu céu azul e as árvores na praça.

A Makita Maldita

A serra elétrica foi roubada do seu Zé, o pedreiro. Seu Zé não tinha terminado de pagá-la, comprou-a à prestação numa dessas lojas varejistas com nome de Estados, foi por um momento de distração, conversava com o cliente na cozinha e havia a deixado na garagem, o portão sem dúvidas estava destrancado, quando voltou para terminar o serviço, percebeu que já não estava lá, Seu Zé tinha passado por um derrame a pouco tempo atrás, com pequenas sequelas, não movimentava o braço como antigamente, quando deu-se conta de que sua Makita não estava lá, logo sentiu-se tonto, um formigamento no braço esquerdo, estava tendo um ataque cardíaco fulminante, caiu no chão e morreu, sua alma perturbada foi atrás do ladrão, o ladrão era um noia conhecido nas redondezas, estava trocando a serra por pedras de crack na biqueira da favela, quando sua alma se alojou na Makita fazendo-a ligar e decepar os dedos do traficante, o ladrão jogou-a ao chão e

saiu correndo, o segurança da biqueira descarregou a arma nele, matando-o instantaneamente. A Makita foi enterrada junto ao Seu Zé, dizem que a noite em sua tumba ouve-se a serra funcionando.

Aniversário do Diabo

O pôr do sol rubro
Gatos pretos encima do muro
A noite cai, é 31 de outubro
Aniversário do diabo

Bruxas e demônios
Saci e Curupira
Fantasiando o pandemônio
De alho, trevo e terço me cubro
O anjo caiu, é 31 de outubro
Aniversário do diabo

Por uma noite tudo é permitido
as leis são esquecidas
reza-se pelos perdidos
os mortos voltam a vida
as crianças te chantageiam

doces ou travessuras
no aniversário do diabo
é azar e desventuras
os capitalistas lucram
a maldade não tem censura
para muitos é o começo do fim
porque é 31 de outubro
aniversário do diabo
dia de halloween.

As Duas Faces da Moeda

Eu sempre ritualizei o mesmo percurso para ir ao trabalho, até que um dia decidi fazer diferente, estava cansado do marasmo contudente, repetiria o mesmo trajeto, mas dessa vez iria pelo outro lado da rua, o lado esquerdo, logo que comecei a caminhada me deparei com um bilhete de loteria jazido no chão da calçada, nem precisei conferir os números, tive o pressentimento de que seria sorteado, pensei que aquele era o meu dia, o grande dia. Segui o caminho assobiando junto aos pássaros, o tempo estava bom, e eu estava dentro do horário, até que dobrei a esquina e fui surpreendido por uma moto com dois indivíduos, era um assalto, reagi e tomei um tiro na espinha, estou ditando isso como depoimento, acordei a pouco do coma, estou tetraplégico e me disseram que sou o mais novo milionário.

A Fuga

A noite era iluminada por aquelas velhas lâmpadas de neon, embora fosse verão, se fazia frio, um ar sinistro dado o cenário, do outro lado da rua era o cemitério de São Onofre, e o que ali André e Pamonha faziam, já havia sido feito o “A” e o “D” quando o muro é iluminado pelos faróis de um camburão que dobrava a outra esquina. Não precisaram olhar para trás, saíram em disparada, não se importando para onde era o norte. André tropeçara nos chinelos não se importando em deixá-los para trás, mais a frente o portão de uma garagem estava sendo aberto, um vira-lata de porte médio saía correndo atrás dos dois meninos. O camburão e agora um cachorro, para não ser toda tragédia, no fim da rua encontrariam uma viela, o cão desistiria no meio do caminho e começaria a chover, despistariam a policia, mas teriam que andar por lugares que não conheciam, estavam longe de suas casas, aquela noite se falou pouco, ficaram atentos e paranoicos a

qualquer somido, poderia ser uma ambulância, alarme de carro, mas todos soavam como as sirenes dos algozes, ouvia-se muitas historias de o que acontecia quando a policia pegava pichadores, desde tortura à ter o rosto pintado pelo spray de tinta, e até mesmo tiro no pé, na mão, dizia-se que eles deixavam com que escolhesse, e se eu pudesse decidir, preferiria a morte, dissera André para Pamonha que calado refletia sobre as chances que tiveram naquela noite, aproveitaram bem, surgira como um milagre aquela viela, pensara. Ao olhar um para o outro disseram ao mesmo tempo: “Vou parar”.

Até que entraram em uma rua dentre um bairro e outro e o caminho começou a ser conhecido. Aliviaram-se as tensões, riram e se despediriam numa encruzilhada.

A Babá

O contrato exigia que ela dormisse na casa dos patrões durante a semana, tendo os finais de semanas livres, ela usava para estudar, engenharia mecatrônica, queria tornar realidade seu sonho de ser engenheira, faltavam alguns anos, mas era paciente, entretanto não tanto com crianças, era severa e gostava de disciplina, aprendeu desde cedo a educação que tanto se orgulhava ter. Cuidava de uma criança, que era bastarda e já estava achando o máximo que poderia, quando sua patroa dissera que estava grávida, soube que sobraria pra ela a criação do bebê, então fez um plano.

Num desses dias encontrara sua patroa fazendo a mamadeira do pequeno, o que era raridade, dissera que teria que trabalhar até mais tarde e queria que ela fizesse horas extras também, concordara e decidira por em prática o plano formulado, era a ocasião perfeita.

Depois dar de mamar à criança, e coloca-la para dormir deixara um bilhete em sua cômoda no qual dizia:

“Sinto por isso, mas meu trabalho se encerra por aqui, assinado: A babá.”

No dia seguinte havia seu retrato por toda cidade como foragida, pois a criança não acordara naquela manhã e não acordaria jamais, na casa fora encontrado em seus antigos pertences veneno para rato. A madrasta aparentemente tivera um colapso nervoso ao receber a notícia, caíra da escada e perdera o filho que restara. Seguros de vida foram pagos e as investigações não pararam, o paradeiro da babá não fora encontrado e é ainda a principal suspeita. O pai e a madrasta da criança viajaram para o exterior e não se sabe se voltarão.

O Escritor

Ficou famoso, vendeu milhões, mas não escrevia, depois do sucesso do primeiro e único livro escrito, recebia manuscritos de admiradores que não se importavam em ceder a autoria, selecionava os melhores e publicava em seu nome, já eram mais de trinta, até que um dia um jornalista descobrira a façanha e passou a extorqui-lo, o escritor viveu dias e noites de profundo medo de perder seu prestígio e reputação, com o dinheiro não se importava, estava cotado a receber o Nobel, tinha organizações ativistas em todo o mundo em que combatia a fome, era sua palavra contra a dele, mas ele dizia ter provas e mais do que isso, tinha gravado em vídeo situações constrangedoras em que ele fazia suas necessidades fisiológicas, peidando dormindo, peidando almoçando, peidando no focinho do cachorro entre tantas outras barbaridades, situações em que mostrava o quão humano era, o que o deixava pasmo de medo, tinham-no como um grande gênio, tudo à beira da

extinção, não podia imaginar o que seria dele mesmo se essas coisas viessem a publico, então marcou um encontro com o jornalista e pretendia matá-lo, mas a situação não se resolveria tão fácil, ele sabia, o jornalista era astuto e ele jamais se vira tão impotente, pensava em suicídio, o que também não resolveria, tonaria seu nome uma piada na história e sua família sofreria sem culpa, pensava e em nenhum lugar chegava, até que resolveu escrever a própria história com toda sinceridade que nenhum humano não pudesse se comover, ganhou o Nobel e agora é o autor mais rico que a história conheceu. O jornalista pulou no sétimo andar do prédio da Editora e as pessoas na rua cuspiam em seu corpo jazido.

Obsessão

Ela é a obsessão mais bonita que um louco pode ter e para expressar todo o sentimento que sente por ela, ele há de matá-la, porque acredita que não pode haver no mundo um gesto maior de amor do que tirar o sofrimento de alguém que ama, por isso ele comprou um revolver e duas munições, primeiro as damas e enfim o próprio sofrimento, o tempo passa e fica cada vez mais próximo o fatídico destino escolhido por ambos, ninguém impedirá, estarão sozinhos e quando ele atirar na cabeça da amante e ela cair no chão desfalecida, sua mente entrará em colapso, não conseguirá colocar a outra bala no tambor, suas mãos tremerão e a essa altura já estão chamando a polícia pois ouviram um tiro dentro da noite e quando finalmente consegue engatilhar a arma, percebe que esqueceu de destravá-la, perde mais alguns segundos e nessa altura tem gente batendo na porta perguntando se esta tudo bem, deixa a arma cair e ela dispara, perdera a ultima munição, ouve

sirenes ao fundo de uma garoa intermitente, olha pela janela e vê que a queda não o mataria, na cozinha tem facas, precisa ser rápido, mas mal consegue andar, o coração disparado não para, a policia chega e a cena é de assassinato, é preso, mandado para o sanatório, cumpre a sentença na solitária, o sofrimento não termina.

O Inadimplente

Fez uma dívida que não poderia pagar, assinou o contrato ciente de que não arcaria com a responsabilidade, ele não se importava com o que os pobres acham que tem valor, o próprio nome, dever é um dever, seu lema predileto, e não era só com o banco, passou a fazer dívidas com a própria família e amigos, com o sujeito da perua dos ovos, sua má fama se espalhava, devia as cuecas que usava e fez disso seu estilo de vida, muitos queriam matá-lo, mas era astuto o suficiente pra manter a sobrevivência, tinha certos ritos e não dava oportunidade ao acaso, chegou até os 35 anos, quando a vida o cobrou e não teve como não pagar, morreu e fora enterrado numa cova comum sem direito à lápide e ou memorando, sua família herdara suas dívidas, gerações foram à ruína, seu legado foi o fracasso, mas ainda assim é lembrado, jamais fora esquecido: o inadimplente.

Do Fruto II

Queria ter algo significativo a escrever, mas a minha vida tornou-se um labirinto sem ser. Ando em círculos perdido entre tantos caminhos que não consigo escolher, hoje eu andei, andei até anoitecer, cheguei aqui e vi o que parece me enlouquecer, meu próprio reflexo desconexo e incrédulo, frente uma vitrine onde vende almas, o diabo não esta mais tão interessado, não disputa no mercado, talvez uma troca? Mudaria minha personalidade? A essência é mesma, sofrência, a vida é o que é, por isso não vendi a minha, nem troquei, permanecerei intacto, para que no paraíso, se houver, desfrute o máximo que puder, se é que para lá irei, ainda estou confuso, não sei por qual caminho seguir, até encontrar uma sina, vou vagar como andarilho, aproveitando cada centímetro e cada descaminho, aprendendo com o erro, sendo o que sou, sozinho. Para: Eva

Psicopata Juvenil

O ensino médio estava repleto de garotas virgens e no padrão em que aprendeu a gostar, fora educado pela televisão e a influencia em que tinha em sua vida era demasiada, a escola ficava num bairro de uma classe acima da qual pertencia, assim sentia-se um intruso e demorara a fazer amizades que resumia-se aos desajustados rebeldes, quando não estava brigando, estava tentando conquistar alguma patricinha dos cabelos dourados, uma princesa para o nosso plebeu, suas tentativas eram vãs, o que o fazia aos poucos odiá-las nos confins de sua mente perturbada, acreditava que precisava encontrar seu par, fazia disso uma obsessão e quando finalmente fora encontrado, por uma virgem da oitava série, ele era tesoureiro do grêmio estudantil, nas eleições ele entendeu que uma chapa rival estava tendo maior aceitação e propôs união, deixou o cargo de presidente, para singelamente ocupar o de tesoureiro, o que o fez ter visibilidade, nunca havia sido tão

quisto naquela instituição e sua pequena vangloriava-se com as amigas o feito.

Virgens na cama, não sabiam o que fazer, tateava-a com à um cego, perguntara se era ali, quebraste o encanto e fez a jovem desistir, mas teve que lutar, não aceitou a recusa, sentiu-se demasiado constrangido, o padrão sempre o mesmo, o faria sofrer, não deixaria ser motivo de chacota para a escola, enfiou o braço até o cotovelo, sangue jorrou, como se não fosse o bastante, fechara a mão la dentro tirando tripas do seu útero, a menina gritava de dor e ele em puro êxtase ria até não mais poder, ela desfaleceu-se, ele reviveu-se, a primeira vítima é sempre a melhor, o corpo foi jogado no córrego, ansiava pela próxima e a encontrou, uma maconheira que não tinha a mercadoria, ele que vinha de um bairro periférico era fácil conseguir, marcou o encontro, o cemitério era na mesma rua que a escola, dali ela não voltara mais, fumara seu ultimo baseado e cova ali não faltou para esconde-la e queria mais, a sensação era a melhor que já teve em toda sua vida e a

próxima vítima se insinuava promissora, ninguém menos do que a professora de história, mas o padrão mudara e a situação fugira de seu controle, mais forte e experiente a professora não se deixou embrutecer, caíra na ladainha psicológica de um aluno perseguido pela sua origem, sentira-se responsável e quis ajudar, mas já não era inocente tais como suas vítimas, quando percebeu onde ele queria chegar, decidiu fazer seu jogo, o encontro fora no banheiro feminino da escola, ele foi logo mostrando à que veio, tentando seduzi-la num abraço mortal, a professora gravava tudo no celular na janela que ele não vira, já tinha o suficiente para acusá-lo de assédio, até que tentara introduzir o braço na boca da professora, ela conseguira fugir, mas o celular permaneceu onde estava, e ele o viu e percebeu o que havia acontecido. Hoje a professora está de licença por problemas de saúde de que ninguém sabe o que é, ele se masturba com o vídeo gravado e vive à espera da próxima vítima.

O Corajoso

Quero ver eu morrer quando estiver morrendo!

O Vendedor

Na cúpula da companhia ferroviária:

– Precisamos acabar com esse comercio ilegal, alguma sugestão?

– E se colocarmos o povo contra os vendedores? A responsabilidade não será mais somente nossa, transferimos-la para os usuários, façamos anúncios do tipo: “você contribui para esse comercio, é de sua responsabilidade, se não comprar os ambulantes irão acabar.”

– Perfeito! Temos um funcionário do mês.

No trem, meses depois:

– É proibido vender, mas não é proibido comprar, quem quer adquirir, promoção, um por dois, três por cinco!

Dois usuários discutem entre si:

– Não podemos incentivar essa patifaria, o pior é que tem gente que compra, não sei qual é o pior.

– Já cansei dessa merda, se eu ver alguém comprar vai se lascar...

O vendedor passa adiante, ante os dois usuários insatisfeitos, ao olhar nos olhos de um deles, percebe o ódio e não consegue proferir nenhuma palavra. Uma pessoa quer comprar e o vendedor exita em vender, ao se distanciar dos dois brutamontes, consegue se recompor e faz a venda. Quando que um dos dois, enfeza-se de vez e parte para cima do vendedor.

– Não sabe que é proibido ambulantes?

– Não estou roubando, preciso sustentar minha família e...

Recebe um soco no olho esquerdo e cai para trás.

A pessoa que comprou entra no meio e tenta separar a briga, o outro brutalmente decide ajudar o amigo e começa uma confusão generalizada, passageiros e passageiras lutam entre si enquanto o trem continua seu percurso aquém do que acontece em seu interior, um entre todos porta uma faca e a usa, ninguém sabe de onde veio, e o culpado é logo apontado: o vendedor, que esta sendo linchado até ter um traumatismo craniano e jazer no piso do trem desfalecido, quando chega a próxima estação, seguranças aparecem para conter a multidão, corpos estatelados no chão, sangue para todos os lados, eles usam o cassetete e a coisa não para por aí, a revolta se espalha e há saqueamentos na bilheteria, a estação é destruída por vândalos camuflados, um caos generalizado. E o funcionário do mês tem seu retrato estampado na parede.

Solitude

Psiquiatras e cientistas acreditam que poderão entender melhor o estado “Solitude” estudando o DNA do paciente Afrânio Gonçalves que desenvolveu múltiplas personalidades para entreter-se em si mesmo e não sentir-se só.

Psicocinesia Recorrente Espontânea

Joselma é uma devota religiosa da cristandade, proveu um único filho, motivo pelo qual não seguira na abstenção sexual do celibato clerical, vira a si mesma envolta em tentações mundanas e sucumbira ao desejo superficial, acreditando ser tentada pelo próprio Satanás, o filho é fruto impuro do pecado, não o ama, o que sente é medo, desde a tenra infância, a criança se mostrava estranha e antissocial, a puberdade fora repleta de constrangimentos, flagrara situações em que preferira

esquecer, pensara sempre em enviar o filho para adoção, mas o tempo foi passando e conseguiu conviver com a aprovação que Deus lhe deu, o próprio filho. Eram pobres, não tinham mais do que o necessário para sobreviverem, viviam da misericórdia da igreja e trabalhos informais, a casa era alugada pelo pastor, dois cômodos nos fundos de um sobrado na favela, ainda assim via-se como privilegiada pelo dono do universo, agradecia mais do que pedia, era um exemplo a ser seguido na comunidade. O filho estava na época de procurar emprego e o fazia quando não estava cuidando de carros nas feiras do bairro, com os hormônios à flor da pele e a casa com pouca ou nenhuma privacidade era difícil não haver situações inconvenientes, até que se apaixonara e sessara aos poucos as ocasiões importunantes, a garota, para o martírio de sua mãe, era de uma religião contrária a qual seguiam, nunca foi condizente com o relacionamento e passou a odiá-los com fervorosidade. Em um desses dias Joselma recebera da igreja novos cânticos, bíblias e publicações, haveria de fazer uma estante no meio

da sala para colocá-las, o filho querendo ganhar algum prestígio decidiu ajudá-la, aceitara contrariada, com pressentimentos ruins, não sabia de onde provia as madeiras, mas ainda assim deixara com que o filho fizesse as prateleiras, embaixo na escrivaninha ficava o computador comprado às prestações infinitas, que somente Joselma podia usar, estava aprendendo com o próprio Pastor que lhe ensinava as quintas-feira. E foi em uma quinta-feira em que as coisas começaram a sair do era o normal. Jurava ter colocado a mensalidade do computador em uma de suas bíblias que estava na prateleira feita pelo filho, o Pastor faria o pagamento na lotérica enquanto ela ensaiava no teclado, procurara a casa toda, era muito pequena, então não demorara tanto, um atraso que os juros carcomeriam aos poucos. Na próxima quinta-feira o pastor não viria, deixando-a infeliz e dessa vez o que sumira era a própria bíblia. Passado um mês, ainda não surgira milagre que fizesse o dinheiro e a bíblia aparecerem, o filho pouco tempo passava em casa, vivia com a namorada sabe-se lá

onde. O pastor enfim voltara alegando ter tido mal de saúde, começaram o curso, os dois sentados na escrivaninha, quando a estante cederá derrubando o computador ao chão, caindo livros em suas cabeças, como uma obra de Satanás, aos prantos Joselma explicara ao pastor o que vinha acontecendo, no que ele dissera que aquilo tinha explicação espiritual, o filho chegara e vira a confusão, dissera que não tinha como aquilo acontecer, fixara os parafusos perfeitamente.

– E as prateleiras que a Cris nos arrumara estavam em ótimo estado.

– Meu jovem, isso explica tudo, sua namorada macumbeira é responsável pela lamúria de sua mãe, queime imediatamente essas prateleiras e termine com essa mulher de Satanás!

– Mas....

Gostosuras ou Travessuras?

A eleição acabou, o presidente eleito foi contra o desarmamento e é dia das bruxas na periferia de São Onofre, embaixo do trópico faz quase trinta graus, é primavera, quase verão e a pequena Stefane desejava que fizesse frio, que chovesse pelo menos, aguardou a data ansiosamente, quando deu a hora de ir para escola, já estava fantasiada, o que deu pra comprar foi aquela que mais tem, esqueleto, o pai a via orgulhoso de a tê-la como filha, herdara o que na mãe achava que havia de melhor: todo charme da espirtualidade, depois de dá-lhe os beijos prometera que iriam ao cinema naquela noite assistir Halloween, ela achou o máximo, saiu saltitando à espera da peruca que à levava para escola, acenou para o pai ao entrar, constatara que ninguém havia se fantasiado, ela era a única, sentiu-se indiferente ao receber risos das outras crianças, no portão da escola ela fora deixada, mas não entrou, saiu

furtivamente, antes que fosse percebida. Ela queria colher doces de casa em casa, como nos filmes, como no costume de países que não podia mensurar a distancia, o que foi fazer, mas o que não sabia era que no país em que morava os costumes eram outros, apesar de ter mudado tanto de uns anos para cá, a aceitação era pequena, mas havia, mas não na periferia, não em São Onofre. Na primeira casa que tocou a campainha, estava nervosa, tinha tirado da mochila uma abóbora de plástico para colher os doces, foi logo oferecendo-a à senhora que lhe atendeu, que a olhou com desconfiança depois de verificar os dois lados da rua.

– Gostosuras ou travessuras?

– Sangue de Jesus tem poder!

E o portão fora fechado em sua cara.

Não se deixou embrutecer, foi para a próxima:

– Gostosuras ou travessuras?

– Menina, em nome de Deus o que é isso?

- Você tem que me dar doces...
- Não tenho não, vai procurar o que fazer, some daqui!

Não estava fácil, e o pior é que fora identificada por algumas colegas que iam para escola. “Mãe olha lá, ela estuda na minha sala...” “ah, sim é filha daquele doido esquizofrênico da rua de cima” “o que é esquizofrênico”, “ele é escritor, diz-se, né, porque nunca escreveu nada que presta, senão nem estaria morando aqui, vive às custas da mulher, onde já se viu uma coisa dessas?” “por que não me fantasiou, mãe”...

Uma inspetora fora alertada e já à levava para dentro da escola.

As horas custaram a passar, o *halloween* não estava sendo o que ela imaginara, mas a aula foi legal, aprendera um pouco do folclore nacional, não via a hora de mostrar ao pai tudo que vira.

Na hora da saída foi surpreendida pela mãe que vinha chorando dizendo que o pai estava sendo perseguido, na casa em que a menina batera era de um traficante conhecido pelo fanatismo religioso, foi tirar satisfação pessoalmente com o pai da menina. A polícia cercava a praça onde eles discutiam, haviam pessoas que entraram na onda, questionando ao pai porque educara a pequena com porcarias do Satanás, eram todos fervorosos crentes, alguém de passagem, inconformara-se dizendo que só faltavam ascender uma tocha e queimá-lo na fogueira, o escritor aceitou receber as ofensas, mas não uma cusparada no rosto, e quando reagiu tomara um tiro do traficante.

E a menina assistira ao filme Halloween no cinema daquela noite, porque não aceitara a morte do pai, lá dentro enquanto Michael Myers matava, ela levantara-se de súbito atirando nos espectadores à sua volta.

O Medroso

Quando eu morrer não quero estar nem perto.

O Mendigo

Estava feliz, conseguira dinheiro o suficiente para entorpecer-se no álcool, quando era sincero e dizia para que fim levava a mendigagem, a probabilidade era maior de receber, assim não pestanejou nem por um segundo, fora logo atrás do antídoto da alegria, esquivou-se dos olhares inquisitórios e da prateleira tirou a cachaça que tanto lhe provia viagens para um mundo diferente da realidade, ainda descontente e querendo visitar outras dimensões, pegou também álcool zulu, dessa vez seria diferente, e já estava sendo, não deu importância à fome, supriu-se apenas do maquinário da fuga, comprou alguns cigarros soltos e viu o dinheiro dissipar-se ao contraste da dificuldade de

possuí-lo. Estava meio bêbado já, completou-se inteiramente antes mesmo de sair do mercado, duas quadras depois falava consigo mesmo em tons de uma raiva sendo libertada, já não sabia porque levava aquela vida, poderia ter sido chutado de um casamento infiel, ou então perdido o emprego de tantos anos por uma justa causa bem injusta, afinal de contas qualquer um dava encima daquela gerente gostosa, mas com ele tinha que ser diferente, sempre era, estava se acostumando, ou aprendendo a aceitar, o fato é que não sabia mesmo mais quem era, na rua poderia ser qualquer um, mas pra todo mundo não era ninguém, e se tivesse matado o safado que saía com sua ex esposa? E se tivesse além de assediado a gerente, ter abusado sexualmente naquele estoque escuro? Eram coisas bem possíveis de terem acontecido, mas o que importava naquele instante era que se via teletransportado para um mundo distante do qual todas essas bobagens não faziam mais sentido, era agora o que desejava ser, nisso já estava caído ao chão consumido quase toda mercadoria,

entrou em coma, só acordaria dois dias depois com uma ferida no braço que antes não havia, foi trabalhoso manter-se em pé, mas conseguira, iria atrás de comida e sabia que pra isso seria mais complicado conseguir, apesar de que era difícil encontrar mas, havia pessoas que solidarizariam mais com isso do que para incentivar os vícios, coçando o braço ele cambaleou pela cidade e parou na estação do metrô para pedir, o inchaço do braço só aumentava e estava se preocupando, era como um vulcão, tinha medo do que poderia ter ali dentro, do que seria a erupção, pediu, pediu e pediu. Cansado e sentindo-se muito mal, decidiu deitar-se, iria para alguma praça mais próximo e lá ficara, sentia o braço ser consumido por alguma coisa, era como uma gangrena num estado avançado e evoluído, dormiu e amanheceu com formigas na boca.

Vício

O que é que mata? A vida, dizem, a morte só faz seu papel, já morreram de amor, mata-se por dinheiro, existe algo que corrói a existência aos poucos, lentamente, o vício auxilia a morte, quando ajuda na fuga da realidade.

Eu sucumbi ao vício, por isso sofri, mas antes disso, fui levado ao trem da alegria, dos momentos ínfimos, no meu íntimo eu vivi, e agora, nesse leito de hospital esperando a morte me levar, eu entendi que não importa com o que se intoxica, a vida já é profundamente tóxica, talvez eu tivesse mais tempo, mas é só questão de oportunidade, minha saúde começou a esvaír quando eu nasci e mais uma vez, retifico, é só questão de tempo, isso não é uma ode ao vício, seja ele qual for, nem um manifesto ao politicamente incorreto, quando a morte vier, estarei aqui, como você estará quando chegar sua hora, por tanto, não existe manual que te faça fugir da eminência do

destino, mas há escolhas e pessoas que se importam com você, o saber sozinho é inteligência, saber e praticar é sabedoria, sem mais delongas, conto como adquirir o vício que me matará, não tem nada excepcional, é como a maioria dos que já morreram chegaram, sempre quis ser especial, quis ter fama, reconhecido pelo que faço de errado, burlador do certinho, desconstruído do politicamente correto, as regras eram para serem quebradas, se eu pudesse voltar e fazer diferente, estaria aqui? Somos escravos das escolhas e não existe caminho certo, tudo no final da errado, morremos. Eu queria impressionar as pessoas com minhas escolhas e provar a elas que o caminho errado dava certo, e agora eu só consigo provar que não importa com como e com o que você se envenena, consumido pela terra será. Então é isso, morrerei em alguns instantes, quero ser cremado, como cremei meu pulmão, adeus.

Assassino aos Domingos

Jota passava a semana trabalhando em seu emprego na metalúrgica, matutando tanto quanto as máquinas labutam, sua próxima vítima, começou cedo no ramo do assassinato, lá pelo ensino fundamental, quando amarrava as pernas de um gato e o arremessava nos fios de eletricidade dos postes da rua em que morava, isso aos domingos, porque se sentia entediado, não tinha paciência para ficar na frente da televisão vendo os piores programas da semana, entendia porque os domingos eram tão horríveis, desde quando num desses dias seu pai espancara sua mãe, deixando-a ensanguentada a fazer as tarefas domésticas toda torta, ainda assim servia cerveja para seu pai ficar assistindo ao “domingo legal” enquanto da laje ele movia a antena para ter uma resolução melhor, não via a hora de o tempo passar para voltar aos estudos na escola, assim pelo menos tinha uma merenda regularmente, aos

domingos passava fome, e foi num domingo também que viu seu pai ser assassinado em frente a própria casa pela polícia que fazia uma busca no bairro, seu pai estava usando uma furadeira para fixar o número do barraco, confundiram com uma arma e foi alvejado sem aviso prévio, passou o dia no IML, amaldiçoando os domingos. De lá pra cá vinha tentando evitar o máximo que podia desses dias, os passava dormindo com remédios de sua mãe, ou arrumava um bico na feira vendendo carne, até que um dia um cliente desaforado recebeu o troco errado e fez um pequeno tumulto, os dois entraram nas vias de fato e o sangue e a carne fizeram do domingo um dia vermelho, ele tomou gosto pela coisa, o cheiro, a tontura, o êxtase, fizeram de seu domingo um dia melhor, tomou uma pequena advertência, o que o fez ficar em casa, alucinado com o marasmo contundente e perto de entrar num colapso mental, imitara o próprio pai, espancando a própria mãe, a pobre já em idade avançada não aguentou muito, bastou um soco no rosto para cair dura no chão, sem saber o que fazer,

a esquartejara e no domingo que viria, venderia sua carne como de porco na feira. Na segunda estava na labuta da metalúrgica, sem marmita, premeditando os próximos domingos.

Horror em Osasco

Pricila andava há mais de meia hora à procura da livraria do shopping, era aquele mesmo shopping? Já não tinha certeza e não poderia certificar-se pelo celular acessando a internet porque a bateria do mesmo encontrava-se descarregada, como iria saber se seu pretendente poderia ter chegado? Ou já ter ido? Ou aconteceu algo e cancelara? O fato é naquele shopping não tinha livraria, e porque marcar em Osasco? Certo que queria experimentar o famoso cachorro-quente de lá, mas fora isso, o que havia naquela cidade? Não foi aqui que o maldito shopping explodira? Não era aquele mesmo

shopping em que estava? Droga de celular, quando mais se precisa! Buscaria alguma lan house e entraria em contato com o sujeito, pronto, boa ideia, mas agora, pra onde ir sem se perder? Perguntar? Isso é tão démodé, talvez no guichê de informações debaixo da escada rolante.

– Pricila, você por aqui?

– Márcia! Não sabia que trabalhava aqui...

– Nossa, adorei esse pingente, ou é de verdade?

– É de verdade, eu tiro quando vou dormir.

– De que precisa, menina?

– Ai amiga, sabe, tinha um encontro com um cara daqui, ele marcou na livraria, mas não há nenhuma nesse shopping.

– É amiga, fechou, faliu! Não faz nem um mês.

– Sabe onde eu poderia encontrar uma lan house? Meu celular descarregou. E tô achando que ele não

saiba que a livraria fechou, coisa de escritor marcar numa livraria, é o que ele diz que é.

– Precisa falar com ele, né? Entendo. Faz assim, usa o meu celular, a lan house que eu conheço fica à uns mil quarteirões daqui.

– Faria esse favor? Obrigada!

– Fique à vontade.

– Vou ver se ele esta online e...

– Pricila?

– Oi Rodolfo, ia entrar em contato com você agora.

– Não ia conseguir, eu não tenho celular, esqueceu?

– É verdade, Márcia, esse é o Rodolfo?

– Onde já se viu alguém sem celular menina, oi, prazer.

- Fecharam a livraria?!
- Faz mais de mês, moço.
- Estou completamente atrasado. Sinto muito Pricila, eu tive que vir a pé e... você viu? Estou literalmente atrasado, tanto pro encontro, quanto pela modernidade, hahahaha.
- Rodolfo, sempre espirituoso! Obrigado Márcia, nos vemos no ABC, tchau.
- Cuidado menina, não deve confiar em todo mundo....

Foram andando rumo à saída do shopping e antes de passar, Rodolfo abriu a porta mostrando o caminho como à um cavalheiro à uma dama, ela riu da besteira dele e ficou pensando se ele não se incomodou com o que a Márcia havia dito, como era muito espirituoso, levaria na esportiva, as vezes ela não gostava desse jeito dele ser, parecia que mascarava suas reais motivações e se

perguntara, será que o conhecia mesmo? Fazia algum tempo que os dois saíam, e essa resposta só teria com o tempo e decidiu deixar com que o tempo fizesse seu trabalho, afinal de contas não havia muito o que se fazer, não é mesmo? Só com a convivência de um com o outro responderia suas questões.

– Então, quer comer um cachorro?

– Deus me livre. Mas falando sério, antes de nos encontrarmos eu comi um, porque não chama por “hot dog”?

– Porque eu sou subversivo e não partilho do imperialismo, quer tomar uma coca?

– Adoraria! Esse calor tá de foder!

– Viva la revolución! Vamos, quero uma KS, as de vidro são as melhores!

Pegou-a pela mão à sair correndo como crianças pelo calçadão. No bar tomaram suas cocas com gelo e

limão junto à insistência dele de levá-la para casa, dizia que precisava mostrar a poesia que tinha feito pra ela, ela queria que ele recitasse, ele dizia que não se lembrava, era muito nova, não tinha decorado, um monte de ladainha que ela conhecia bem.

– Mas eu tenho que ir pra casa, é muito longe, você sabe.

– Dorme lá ué.

– Promete que não vai se aproveitar de mim?

– Juro. - beijara os dedos.

– Você é muito infantil, por que não cresce?

– Tá... então dou minha palavra de escoteiro. - batera continência e foi o ápice para entrarem na gargalhada.

Quando começou a escurecer, estavam no ônibus, lotado por estarem no horário de pico, mas mesmo assim Pricila deixou-se levar pela espirtualidade de Rodolfo,

desconfiava que estava se apaixonando, se perguntava se estava fazendo o certo, seguia seu instinto, fazia o que o coração mandava. Do lado de fora do ônibus não se via muita coisa, achou que se perderia se tivesse que voltar sozinha, viu que a periferia se aproximava, com comércios e casas mais singelas do que se via no centro. Quando enfim chegaram, tiveram que andar uns quinze minutos até a residência, adentrando a área livre, percebendo negócios ilícitos por perto, perguntou se ele ainda fumava.

– Só cigarro agora, parei com a maconha, mas se quiser eu pego...

– Não, só estou jogando conversa fiada, já que você ficou tão sério desde que saímos do ônibus.

– É que esta de noite, a noite é sombria, mas não é lua cheia então pode ficar tranquila que hoje não viro lobisomem.

– Palavra?

– Preciso assinar?

Chegaram à humilde residência de Rodolfo, nos confins da favela, passando por vielas e escadões, jamais saberia voltar, foi os primórdios do sentimento que não sentira até então: medo. A casa estava organizada, exceto por um cômodo, o quarto, que era também o escritório, papéis, lápis, livros, cinza de cigarro, por todo lado. Um livro, preto, lhe chamara a atenção, sem texto na capa, apenas um pentagrama, deixado debaixo da cama, já que não havia cabeceira, Rodolfo pareceu surpreso ou estava se fazendo, disse que não era dele. Se quer o abriu para folheá-lo, jogou imediatamente num cesto de lixo ao lado da escrivaninha.

– Literatura barata – dissera. - Vou tomar um banho, quer alguma coisa? Precisa de algo?

– Preciso carregar meu celular...

– Fique à vontade...

Pricila ficara sozinha no ambiente, de alguma forma lhe pareceu que fazia frio, mas era verão, o dia tinha sido quente, olhou pela janela e viu nuvens negras carregadas, não demoraria a chover, sua atenção voltou-se ao livro no lixo, não queria espionar, mas ele o atraía, precisava ver do que se tratava. Rodolfo estava demorando mais do que o esperado, como que lhe dando a oportunidade de devorar o livro, o que o fez nos momentos que pode, depois o deixou no lixo, como se não o tivesse tocado, Rodolfo saíra do banho com a toalha enrolada no corpo, entrou no quarto dizendo que esquecera a roupa, ela o laçou entre os braços, tirando a toalha, dessa vez lhe pareceu surpreso de verdade, ela o conduziu até a cama e ela subiu encima dele deitado, tirando a camisa, ele teve dificuldade em encontrar o mecanismo que abria o sutiã dela, quando finalmente conseguira e vira seus seios pular, ela o degolara com o pingente de navalha, puxara a cabeça dele para trás, jorrando sangue do buraco que fizera, não dando chances

dele revidar. Ela se vestiu, pegou o livro do lixo e saiu para a noite.

Tarântula (1955)

Estava deitado no sofá como sempre fico quando espero por inspiração para dar continuidade nos meus afazeres de escritor, a vista dá para janela e por ela, entreaberta, eu via a chuva de verão cair nervosamente pingando no vidro e invadindo o escritório pela fresta que havia deixado para o ar circular, era dia, mas estava escuro, os relâmpagos clareavam a escuridão, e os trovões ensurdecedores faziam tremer, um dos posteres de filme enquadrado na parede cedeu ao rumor e caiu quebrando-o em pedaços no chão, levantei-me do sofá, pus o cigarro no cinzeiro e fui verificar os danos, do quadro vi sair uma pelugem, vagarosamente se mostrava, até que apareceram

os olhos, eram imensos e vários, como as patas, uma tarantula! Exclamei um palavrão mentalmente e pensei que aquilo não era possível, conforme fui me aproximando ela parecia crescer, não evitei um grito de espanto o que fez meu cachorro vir inspecionar o que era, quando entrou no escritório latindo como que dizendo “eu vou salvá-lo” a tarantula estava do dobro de seu tamanho e não foi difícil engoli-lo como uma presa fácil, ele saltara direto para o que parecia ser um buraco negro, ela sugava o que estava em sua frente, primeiro meu cão, depois a prateleira de livros, o computador, o sofá, eu teria ido de primeira, não estivesse segurado na parede, até que ela ficou do tamanho da própria parede e não teve onde segurar, fui absorvido para a escuridão e como se fosse o céu, eu via as estrelas brilharem na imensidão, quando dei por mim estava deitado no sofá, com a luz apagada, vendo da janela a noite estrelada e meu cão dormindo no meu pé.

Férias de Verão

Ao todo eram três carros, quinze pessoas e um cachorro, ninguém até então tinha ido até a chácara “Bem-me-quer” nos confins do interior do Estado, a viagem prometia ser tediosa, salvo pelas paradas na estrada, quando podia fumar um cigarro e aspirar ar puro, dar uma recarregada de álcool e sentir-se menos infeliz, sabia que estava indo contra os mandamentos do A.A, a ultima reunião tinha sido um saco, não conseguia mais parar de pensar que precisava de um trago para suportar as pessoas tão egocêntricas e chatas quanto ele próprio, mas agora estava em família e não teria que se preocupar em ser anônimo, dar depoimentos e sentir-se envergonhado, se não quisesse falar com ninguém, não falaria, simples assim, todos se não entendiam ao menos passaram a respeitar sua personalidade antissocial, os murmúrios começaram desde a primeira parada e ele não entendia se aquilo era de sua

mente, ou se era real, o fato é que podia ouvir reclamarem de mimá-lo com privilégios sórdidos, era o único fumante, e faziam a parada só para satisfazê-lo, alguns não entendiam, mas aos poucos foram sabendo, no disse-me-disse, compreenderam que faziam aquilo porque o sujeito passava por um tratamento delicado e o convívio em sociedade talvez fosse melhorá-lo aos poucos, havia saído de uma internação por todo tipo de droga, havia de terem calma e olhando a estrada solitária à que estavam, os familiares quase sentiram pena dele, ele tentava se esclarecer consigo próprio se o que estava acontecendo era mesmo real, não tinha tempo para dar esclarecimentos para as dúvidas que surgiam conforme se perguntavam isso e aquilo, já sabia que não era de toda sua mente, estavam todos voltados a ele, baterista de uma banda que já tivera tempos melhores, chegou à não ter que pagar para tocar nos bares, o que era um grande avanço, mas estava longe da fama e do sucesso, queria ao menos receber um dia pelo o que fazia, aquilo seria o ápice do reconhecimento,

mesmo que pensasse que a arte não tem preço e que o dinheiro era maldito, o problema da solução.

Pisou na bituca do cigarro, bebeu o ultimo gole da latinha de cerveja e partiu para dentro do carro, não se importando com o cheiro desagradável que deixou no interior do automóvel, mais buchichos, de sua mente?

O GPS parou de funcionar quando adentraram uma região em que o mato predominava, estrada de barro e quase nenhuma sinalização, estavam à pelo menos quatrocentos quilômetros da cidade, poucos carros passavam e perceberam que estavam perdidos, depois de andarem em circulo, decidiram pedir ajuda, no alto da colina podia-se ver uma pequena cidadezinha lá embaixo, foram para lá, não antes dele fumar outro cigarro e beber outra latinha de cerveja, quando chegaram, ele já se mostrava embriagado, mas estavam no rumo certo, aquela era a última cidade antes da chácara, quando referiram “Bem-me-quer” ouve um silencio ensurdecador, e

perguntaram se era mesmo lá, já que não fazia muito tempo, tinha havido uma festa *have* lá, com muita droga, durou uns três dias e o único sobrevivente que não teve overdose trocou tiro com a polícia rodoviária, morreu baleado, eventualmente. Disseram que o espírito dos jovens perambulam pela chácara, assombrando que vai para lá, há relatos de quem alugara o terreno de terem visto por toda parte sombras e vultos, eles saem da casa depois da primeira noite. Assim se resolvia a questão de ser uma bagatela a hospedagem. Mas se queriam provar para seus próprios olhos, que seguissem a interestadual até o quilometro 450, depois da terceira bifurcação à esquerda, subissem uns cinco quilômetros e estariam lá.

Aquilo fez o músico lembrar de um livro de terror que haviam lhe sugerido ler, mas não se importou, a embriagues passou como que instantaneamente, mas as vozes em sua cabeça não paravam mais.

Quando chegou lá, ele não suportava sua cabeça, foi a procura do dormitório deitar-se, enquanto os outros nadavam na piscina, os cômodos eram grandes e espaçosos, meio escuro, mas para ele tava bom, não aguentava mais ver tanto sol.

Quando começou era noite, todos dormiam e como ele havia deitado assim que chegou, perdera o sono, uma voz o conduziu para a rede no terraço, quando à abriu para deitar-se, aranhas viúvas negras pularam em seu colo, com o grito despertou todo mundo, o que foram ver, o cunhado ex-policia, monia uma arma nas mãos, ele sem jeito dissera que era só aranhas, nenhuma tinha o picado, estava tudo bem. Voltaram para cama e os próximos dias de sol fizeram todos se esbaldarem na água, as vozes não o deixaram em paz, ele tentava não se ater a elas, mas era impossível, parecia que onde estava só aumentava a intensidade, não querendo, mas mesmo assim decidiu verificar, dessa vez as vozes o levaram aos pilares da laje

onde ficava a piscina, constatou que havia rachaduras neles e imediatamente fora comunicar o fato, salvando dezenas de vidas, pois estava à um passo de desmoronar. Aquilo o fez ficar ainda mais perplexo, primeiro as vozes tentaram matá-lo, ou alertá-lo das aranhas e agora salvara sua família de um desastre eminente. Decidiu-se levar pelo o que as vozes diziam, naquela noite entrou no quarto do cunhado, pegou a arma, carregou-a e à pôs na têmpora, esperou pela ordem, quando ouviu um rosnado alto do lado de fora, colocou a arma na cintura e foi verificar, no terraço as crianças brincavam de pebolim à dez metros uma onça preparava o bote, sacou a arma e atirou para cima, fazendo-a fugir. O cunhado quis saber o que o fizera ter pego a arma e entraram numa pequena discussão, os nervos estavam tensos, as crianças choravam, as luzes apagavam e acendiam, uma chuva de verão estava por cair, trovões estrondavam nas nuvens, a estrada ficaria impraticável de usá-la, pois se falava que aquele lugar era maldito e queriam ir embora, as vozes cessaram com a chuva,

sentaram todos no terraço e a contemplaram, insetos de toda espécie surgiam de todos os lados, sapos e escorpiões, mas ninguém se moveu, apenas permaneceram estasiados, quando a chuva passou os bichos se foram, a luz voltou e na manhã seguinte prepararam-se para voltar à cidade.

Anarcoprimitivismo

O governo cancelou o carnaval, teve guerra civil, os Estados Unidos interveio, a Rússia interferiu, terceira guerra mundial e o fim da humanidade.

Segredo Sagrado

Celso e Arthur eram dois metaleiros da pesada, cabelos longos e roupas pretas, cada um tocava um instrumento, anunciaram no jornal local uma vaga para vocalista da banda que se formaria se não tivessem sido linchados até a morte pelo exército da salvação na igreja da Graça do Deus, os dois entraram em um culto apoderando-se dos instrumentos, Celso da guitarra, Arthur da bateria e tocaram suas ultimas canções, quando os jovens do exército da salvação impulsionados pelos gritos do pastor de que eram satânicos, os espancaram, e não resistiram, morreram, o pastor fez uma oração e citou um trecho na bíblia do que Deus é capaz pelos seus, os enterraram nos fundos da igreja, fazendo disso um segredo sagrado.

VHS

Play:

“Relato agora algo inexplicável e ao que parece não há solução, estou preso em outro mundo, em outra dimensão, não há para onde fugir e não sei como sobreviver aqui, devo estar aqui há décadas e até agora não senti fome, a dor inexistente, não sei mais o que é vontade e não sei o que me é vital, não sei por que meio isso virá à público, se é que virá, poderia passar a eternidade por aqui, mas tenho medo, medo de vagar pelo tempo e não encontrar ninguém, sinto a solidão me enclausurar aos poucos, a única coisa que sei, foi como vim parar aqui, como parece que vim parar aqui, como disse, não há explicação plausível e ainda tento juntar os fatos, poderia me passar por maluco, mas agora não me importo, só o que quero é poder voltar para casa e sentir alguma coisa. Eu me lembro que estava com duzentos reais no que era o mundo como antes de cair aqui, colecionava fitas VHS'S e

pretendia aumentar minha coleção, meio saudosista, podem julgar, mas é que encontrava no passado o que estava perdido no presente, todo um jeito de viver que se tornou ultrapassado, nunca consegui acolitar a modernidade ao meu ser, por vezes até negava tais tecnologias, assim eu colecionava coisas antigas para sentir-me bem, já que não podia com toda parafernália tecnológica moderna, tudo me parecia demasiado artificial e robótico e os VHS'S era um pouco menos que tudo aquilo, era manual, tem aspectos de imperfeições e tudo mais, atravessei o bairro à procura deles, queria que a coisa se constituísse como antigamente no mano à mano, frente à frente, era muito fácil comprar pela internet e receber em casa, queira ver o vendedor e seus produtos, sentir o cheiro de coisas velhas, sujar-me de poeira do tempo. Encontrei um brechó e do outro lado da rua, complementando, uma loja de coisas velhas, esbaldei-me ao ver todos aqueles aparelhos antigos, livros, revistas e discos, ainda mais quando percebi os VHS'S, tinha uma pilha enorme numa prateleira empoeirada, passei a tarde

conhecendo cada uma daquelas fitas de filmes nostálgicos, ia levando pelo menos uns trinta e o dono da loja disse-me que poderia levar também, se quisesse, as fitas pretas sem encartes, aceitei naturalmente e tive que voltar com toda tralha nos ombros pelo bairro à fora. Em casa conferindo a compra, decidi colocar as fitas pretas e para minha surpresa, o que estava gravado nelas, nada mais era do que uma câmera capturou enquanto lá estive, o que era impossível, já que as fitas já estavam lá quando cheguei e não havia nenhuma câmera registrando nada. Foi aí que parei onde estou, e não sei o que é o mundo e que dimensão é esta, o fato é que após ver as fitas e desligar o aparelho, foi como se eu desligasse a mim mesmo e entrasse dentro do videocassete.”

Stop.

— Que tipo de documentário mais maluco, o fulano achou que cairíamos nessa marota.

Ejetar.

- Tem um dedo saindo do videocassete! Um braço! Oh! Meu deus! Era verdade!
- Em que ano estamos? Quero voltar pra casa.
- É impossível, estamos em 2135.

Revolution Stater Pack

Através da educação virá a revolução, serei professor e escritor, poeta é boiola – disse o antifascista - e propagarei o ideal libertário para o futuro da nação, quando não estiver deixando de escovar os dentes para que nos dias posteriores usar o fio dental para cheirá-lo. Amarei mulheres e homens e teremos relacionamentos livres, por isso quando a Joana requiriu mais seriedade em nosso amor eu não pude me comprometer e disse que à amava e por isso à deixava livre para amar quem quer que fosse, ela insistira na monogamia, mas eu não entendia como alguém

pode se limitar à algo escravizador como isso, mas quando ela mexia no celular eu fiquei curioso, quem podia ser? Não tenho ciúme e nem quero propriedade, uma pessoa não é um objeto, mas ainda assim eu me perguntava, quem seria? Se fosse aquele imbecil do Tavares, sujeito da extrema oposição, não dava pra releva, podia ser qualquer um, mas não ele. E não é que era ele mesmo? Tomei o celular dela à força e descobri toda uma conspiração contra minha pessoa, fui chamado de tudo quanto é nome, mas não pude suportar o pior, estavam se vendo e cada vez com mais frequência, aquilo acabou comigo, já não sentia prazer em cheirar meu próprio peido, nem os dela eu gostava de sentir, passou a serem podridos como não pareciam ser, eu que adorava lambe seu anus, depois daquilo passei a enojá-la, Joana, tenho suas partes mais apetitosas e ainda serve de uso, sua boceta sempre foi a mais apertada e eu à como todos os dias, cortei seu tronco, só preciso da parte debaixo, o resto serve de comidas aos pássaros, livres com suas asas, urubus vem comê-la quando deixo ao sol para

pegar um gosto diferente, e o Tavares, sim, entendi porque o quis, aquele pênis tem um sabor adocicado, vamos nos casar no próximo verão e daremos continuidade à nossa revolução, estamos agora e para sempre lado a lado.

Rock in Roll, Baby

A música “Assassina” da banda “Serial Killer's” fez mais uma vítima, um homem de meia idade em um bairro nobre de São Onofre, o sujeito adquiriu o LP em um sebo no centro da cidade, foi encontrado morto em seu apartamento, pela faxineira Dona Lurdes, ela disse que teve sorte, pois ela também poderia ter sido morta se o LP ainda estivesse rodando, mas quando chegou no lugar o silêncio predominava, seu patrão jazia no centro da sala, nu, o IML fez a autópsia e consta ter usado quantidades significativas de álcool, cerveja pra ser mais exato, a causa da morte foi como tem sido com todas as vítimas, na esperança de ouvir

uma boa musica, a vítima adquire o LP de encarte nostálgico, alusivo à tempos idos, o hipnotiza com memórias e o faz levar para casa, lá o LP o convence a usar drogas e quando é finalmente posto para tocar, a musica o extasia e o coração não aguenta, desfalece causando paralisia cerebral e respiratória. A polícia tem mandados de buscas e apreensão, mas a banda esta foragida em turnê no inferno.

Não Tão Sozinho

À procura de sossego e solidão, pus-me a viajar sem destino, cansado da correria da cidade, eu não estava de férias e nem era feriado, simplesmente me ocorreu de ir, tive de atender o chamado da animosidade, a natureza é o reduto dos solitários, e eu, mais do que farto de viver em sociedade, de saco cheio de ouvir ladainhas sobre a vida de um ou o emprego que o outro conseguiu, os planos para o carro zero e o casamento precoce da vizinha, peguei a mochila a pus nas costas, não dei satisfação no emprego, e sabia que nunca mais iria voltar para lá, minha intuição indicava o caminho, assim peguei ônibus e trens, tentando me desviar dos olhares tortos aquisitivos, em plena segunda-feira, indo contra as regras impostas, bebendo cerveja no interior dos veículos, com uma mochila de trinta litros, uma barraca, um colchonete, cobertor e diversos aparatos para acampamento, me olhavam como se eu fosse

privilegiado, o que era de certa forma, afinal podia ouvir o chamado da natureza e isso não é para qualquer um, há de estar na disposição correta, com os pensamentos plenos, a mente aberta, atento ao silêncio, preparado para o que vier, então eu fui, passando por cidades, adentrando o mato, cada vez mais distante, não me ative à conversas idiotas de pessoas sensíveis que pareciam entender o porque estava fazendo aquilo, prendi-me em meu egocentrismo e só concordava com o que diziam, interiormente eu gritava, matava-os em pensamentos, estava me estressando mesmo sabendo que o que estava fazendo era pra acabar com aquilo, mas ponderei, fui humano até onde consegui. Parei em um bar para retomar a calma e o ímpeto inicial, quando vi, estava bêbado do lado de dentro do bar fechado, pessoas jogavam sinuca, outras conversavam arditamente debatendo bobagens filosóficas e políticas, eu fiquei no balcão, tentando ler os rótulos das bebidas nas prateleiras, identifiquei um uísque americano que não tinha tomado até então, nisso já era dia e eu estava na sarjeta com a garrafa

pela metade, não sabia onde estava, a ressaca parecia que iria me matar, meus pertences já não continuavam comigo, o dinheiro eu tinha escondido dentro da meia que estava usando, estava lá, não queria que tudo terminasse daquela forma imbecil, por isso continuei meu trajeto, ouvia claramente o chamado vindo do cheiro do mato, decidi entrar, uma trilha se fazia lá dentro e peguei ela por uns cinquenta quilômetros, quando ouvi o som de água corrente, fui ao delírio, quando lá cheguei havia pessoas pescando, um cachorro sem dono e uma fogueira, estavam assando os lambaris, me ofereceram, me recepcionaram bem, inclusive me venderam uma barraca velha, disse que passaria a noite por lá, imediatamente eles disseram que tinham que ir, mas que poderia ficar tranquilo, se ouvisse sons a noite eram deles pescando no outro lago. O cachorro ficou comigo e a noite caiu. A fogueira só clareava alguns metros, as estrelas faziam um espetáculo no céu, foi quando comecei a temer pela minha vida, roubado na noite passada, o que me garantia que não seria outra vez, ou pior,

o povo do mato é mais temível que da cidade, porque eles ouvem o chamado, vivem na animosidade, deitei-me na barraca, tentando controlar os pensamentos, lá fora os grilos cantavam, cigarras ou sei lá que diabos, era eu e um vira-lata, que começou a latir para o escuro, nos primeiros minutos eu levei de boa, mas passou mais alguns eu me desesperiei, gritei perguntando se havia alguém, ninguém respondeu, o latido ficou ainda mais alto e o rosnado indicava que estava perto, o que eu poderia fazer? Fugir, foi o que fiz, desfiz a barraca, e saí para a trilha escura, só parei de correr quando vi uma coisa segurando uma árvore e era tão verde quanto as folhas, alguém camuflado? O próprio Curupira? Não fiquei para descobrir, e não parei mais, nem sabia do cachorro, era só eu então, eu e o que quer que fosse, isso é o que me lembro, depois de então tudo ficou escuro, e estou de volta à cidade hospitalizado, meu diagnóstico: Apatia.

Último Recurso

A prefeitura de São Onofre finalmente entregou a obra mais esperada daquela cidade, diante suspeitas de corrupção, desvios de verba, orçamento estourado, a polêmica pela área ter sido um cemitério de escravos do século passado, e ter havido uma morte súbita de um funcionário enquanto trabalhava na obra, o parque dos Patos estava pronto, poderia-se jogar futebol no campo sintético ou na quadra de cimento, fazer corrida ao longo das dependências, as crianças podiam ficar à vontade no playground, tenistas nas quadras de tênis, ciclistas nas ciclovias, tinha até mesmo quiosques com churrasqueiras prontas para assar deliciosas picanhas, se estivesse sobrando algum no fim do mês, ler um bom livro à sombra do bosque, ao longo do parque algumas árvores foram cortadas, outras mantidas, mas sempre se podia plantar novas, foi o que a mãe da família Mendes propôs aos filhos

e ao marido para estrear o local, e deixar uma marca no tempo, dizia ela à eles que futuramente serviria para recordar esse presente que era menosprezado pelo agora. Todos os dias a partir de então, moradores da cidade, junto à família Mendes, organizaram grupos de corredores para usufruir do local e queimar algumas calorias para ficarem esbeltos no verão, uma rotina fitness passou a acompanhá-los no que antes só havia marasmo e sedentarismo, era o ano de campanha eleitoral e o prefeito seria reeleito, graças a estratégica inauguração em tempos difíceis, ao favorecimento do povo que era órfão de prazeres e cultura.

O parque funcionava à noite, era iluminado pelos postes com as mais modernas lâmpadas de led, dando um aspecto futurístico que muitos saudosistas ficavam impressionados à recordar como aquelas velhas lâmpadas de neon dava um ar mais sinistro ao ambiente, não que as novas não dessem, o jogo das sombras fazia qualquer um ficar atento e vultos eram avistados frequentemente,

principalmente pelos maconheiros que faziam seus plantões, diziam que o efeito da droga só ampliava a concepção das dimensões, às crianças só era permitido estarem lá de dia, elas eram as propagadoras das lendas que rodeava o lugar, evitavam ao máximo passar por lá à noite, quando diziam ouvir as correntes tilintarem e os gritos de horror num instante de silêncio nas conversas.

O tempo foi passando, muitos desistiram dos grupos de corridas e de serem fitness, inclusive na família Mendes, os filhos já não tinham o ímpeto inicial da novidade, da mudança e recomeço, achavam que era sofrimento demais por resultados ínfimos de reconhecimento inútil de manter o corpo no que era a moda vigente, mas a mãe estava lá, todas as tardes, com grupos de amigas moradoras locais ou não, as vezes ia até mesmo sozinha, fizesse sol ou quando caia chuva, particularmente adorava quando assim era, era refrescante e os drogados sumiam, sentia-se como num filme de Hollywood, batalhava para ao menos parecer

aquelas cinquentonas que via na TV e como se fosse num roteiro ela desempenhava seu papel e teve de improvisar quando em uma dessas tardes, viu a noite cair, morcegos à voar e os gritos de ninguém, dos confins, da imaginação, das lendas, do desconhecido, os escravos mortos, corria destilando suspiros de oxigênio irregulares, sentiu uma dor que crescia da barriga pra cima, pensou que seria só a dor de facão, mas não parou como sempre parava, teve de reter a caminhada, pôs as mãos na cintura, ofegava como um animal no abate, a luzes piscavam no alto dos postes, um trovão cortara o céu, o que era aquilo que via? Centenas, milhares de zumbis à devorariam, desmaiara, caíra no chão. Do horizonte surgira a multidão que caminhava na escuridão, eram os corredores, ligaram para ambulância e a mãe da família Mendes só acordaria no hospital, junto aos filhos e ao marido, que choravam em seu leito a notícia de que era câncer.

A família estava unida e quando ela se foi, todos se foram, num suicídio coletivo, não poderiam viver sem ela.

A árvore no parque dos Patos floresceu, os galhos firmes sustentam as cordas dos suicidas daquela cidade pavorosa.

Perda de Identidade

O sujeito simplesmente passou a adotar atitudes emblemáticas que não condiziam com seu antigo comportamento, como que a personalidade estivesse sofrendo uma mutação, foi o que os psiquiatras disseram, o tal do transtorno dissociativo de identidade, mas a sua mulher não aceitou facilmente esse diagnóstico, só ela podia atestar o quão parecido se tornou com o falecido irmão, não eram gêmeos, a diferença de idade e fisionomia eram gritantes, mas para ela cada dia que se passava ele

adotava um trejeito, uma barba não feita, passou até a fumar, o que levava à morte do irmão, para ela, ele já não era seu marido, era o próprio cunhado, ele voltou da eternidade para a mortalidade, ela se perguntara o que teria acontecido com o esposo, precisava dele, não poderia viver sem ele, apesar daquilo já estar fazendo aniversário, foi quando parece que começou, ela lembra-se de que foram ao cemitério pedir ao coveiro para que pregasse uma cruz na lápide e o mesmo lembrá-la que nada no mundo era de graça, só Jesus podia conceder as coisas, os humanos precisavam ganhar a vida, não eram vagabundos privilegiados filhos do papai, e seu marido, o irmão do morto, ficara invocado com o sujeito e só não saíram nas vias de fato porque ela tirou da bolsa cinquenta reais que fez o coveiro se acalmar prontamente, deixara a pá de lado cuspindo no chão de barro uma substancia que parecia tóxica, só podia ser escarro de tabaco, pensou ela, mas era mais do que isso. Pregada a cruz, satisfeitos por isso, viram o coveiro deixa-los em privacidade, não antes de lançar um

olhar mórbido de desprezo, o que a fez sentir um calafrio de medo, os olhos do coveiro eram vermelhos de sangue com uma pequena bolinha preta, lembrou um felino em ataque, seu marido a partir de então começou a mudar, primeiro mandou o velho para a puta que o pariu, o que a deixou abismada, já parecia o falecido cunhado num momento de explosão de ódio, mas o coveiro já não estava mais lá, sumira como um gato e segundo, ele repetiu o que o irmão sempre dizia em situações embaraçosas como aquelas: “Deus é pai”. Chocada ela olhou nos olhos dele para certificar-se que era ele mesmo, até o café daquela manhã ele era um ateu militante, tão dogmático quanto qualquer religioso, o que viu a fez querer sumir dali o quanto antes, o olhar malicioso que o cunhado lhe lançava quando estava à mostra alguma pele de seu corpo, a partir daí ele era passou aos poucos a ser o outro, lentamente, como se sua alma estivesse escorrendo de uma ferida e a do cunhado entrado por outro orifício, os olhos claro, só podia ser, e os todos esses dias depois disso as coisas mudaram, o

tratamento com os filhos, a demissão do emprego e a violência, ela não podia oferecer-lhe sexo, o que o deixava maluco, a ponto de se submeter a algemas na cama, assim ela conseguiu levá-lo ao hospital psiquiátrico, mesmo sabendo que aquilo era sobrenatural e não poderia conseguir ajuda, mas foi bom os dias que passou internado, agora estava de alta, o que seria dela, ele teria voltado a ser seu marido ou ainda era o irmão? Todas aquelas medicações poderia fazer algum efeito, pedia a deus que fizesse, bem, não tinha para onde fugir, sua vida dependia da dele, a de seus filhos dependia da dele, é chegado o momento e quando aquele portão se abrir sairá a besta vinda do inferno, mas sua calma é apaziguadora, sereno, pleno, fazia tanto tempo que não se lembrava mais, mas era seu marido e essa noite durará três dias de puro sexo selvagem e quando olhar-se no espelho se reconhecerá como a mulher do que era o cunhado.

A Revolução dos Pensamentos

Tragara a fumaça para os pulmões, pôs o cigarro no cinzeiro, soltara a fumaça ao ar, tomara um gole de café com leite, repôs o cigarro nos lábios, digitando com as duas mãos, após uma tragada funda, voltou a colocar o cigarro no cinzeiro, os pensamentos lhe assaltara a mente, olhou para fora da janela e viu o tempo cinza, carros passavam nas ruas, naquela hora já estava aceso os postes, não era noite, nem parecia o fim do dia, a garoa cessara momentaneamente, o cigarro findara-se, o café esfriara aguardando na caneca ser consumido, faria uma viagem para dentro do corpo, da boca para a traqueia e daí para o estômago, o gosto amargo, o tabaco, a saliva, precisou cuspir pela janela o escarro. Os pensamentos fuzilavam a mente, tentava distinguir neles alguma razão, tomados por emoções, os pensamentos pensavam, tinham vida própria, organizavam uma revolução, seriam autossuficientes, eles o

fizeram pegar o maço de cigarros e jogá-lo no lixo, o levantaram do sofá e o fizeram trocar de roupas, “superação”, “superação” fizeram ecoar no cérebro, calçou o tênis de corrida, pronto pra correr, o faria pegar peso, o faria perfeito, nova dieta, nova rotina, meditações, ações benéficas, depois da revolução interior, seria a exterior, dominaria o mundo, ao pôr os pés na calçada torceu o tornozelo, caiu de boca aberta na guia, teve traumatismo craniano, entrou em coma, morreu dois dias depois.

Novos Inquilinos

Eles vieram da zona sul, pessoas reservadas procurando por privacidade e um lugar arejado, ele açougueiro de primeira mão, ela operadora de telemarketing de meio expediente, nenhum filho, nem pretensão disso, eram prevenidos quanto a isso, estavam juntos desde dos anos 2000 quando conheceram-se num cinema do shopping center, o filme “Premonição”, veriam juntos o resto da franquia na estreia, eram apaixonados por filmes de terror, peculiaridades que não passou despercebido aos olhos da senhoria, devota católica de fervorosidade, não o teriam aceitados não fosse a necessidade de fazer dinheiro, por isso o aluguel era mais alto do que tinha sido antes, sem crianças, nem animais, a partir das 22:00 o silencio deveria imperar, estava na lei daquela cidade, São Onofre, o santo dos suicidas.

Já nos primeiros dias a senhoria identificou a que tipo de gente estava alugando seu imóvel, podia escutá-los em cima onde morava, discussões periódicas de um casal passando por uma crise de rotina, havia muita violência na voz do açougueiro, ela deduzira que os ataques físicos começariam quando estivessem já bem instalados, não podia atrair atenção no começo, por isso, ela pensava, havia muita cautela no modo como gritava baixo com a mulher, discussões que ela não entendia bem o motivo, poderia ser pela comida, pela falta de higiene na cozinha, mas achava mesmo que era pela mulher estudar por algumas noites, sendo que ele a queria em tempo integral, ciúme do mais barato e ou carência afetiva. As caixas que chegavam deles eram sempre de fitas VHS, discos de músicas do diabo e livros ocultistas, na terceira semana findou-se a mudança completamente, não chegou mais nada desde então, era ela que recebia, já que os dois trabalhavam durante o dia.

O açougueiro trabalhava em outra cidade, e recebera férias, aproveitando-a para procurar emprego em São Onofre, para ser mais cômodo e não ter que viajar todo dia para trabalhar, ganharia mais tempo e praticaria seu hobby favorito, colecionar animais taxidermizados, se tudo desse certo começaria ele mesmo a fazê-los, horrorizada, a senhoria já se arrependia por tê-los feito assinar contrato, o contato entre eles eram mínimos, reduzia-se ao bom dia pela manhã e boa noite no fim do dia, no fim de semana a operadora de telemarketing tentava puxar um assunto, mas podia-se notar como era demasiado difícil para eles manterem o respeito mútuo, quando que a senhoria sabia de suas intimidades mais peculiares, a moça parecia ser normal, não era feia, tinha uma beleza relativa que qualquer homem julgaria-a bela, mas para uma velha senhoria, lhe faltava vaidade, tinha dias que nem penteava os cabelos, só os prendia e pronto, as unhas não viam um esmalte há muito tempo, mas ainda assim parecia um pouco simpática, a senhoria tinha pena dela, um marido

ogro como aquele podia matá-la quando quisesse, mas achava que não chegaria a esse extremo, não se ela não cometesse nenhum adultério ou coisa parecida, achava que só a menção disso podia pô-la em maus lençóis.

Em um domingo de sol, a moça varria a calçada e ao ver a senhoria, disse bons dias tentando estender a conversa, ela queria saber o que havia no porão trancado, disse que não lhe deram a chave de lá, a senhoria disse que no contrato não consta aquela parte a eles, então que ficasse assim.

Curiosa, a moça tentou arrombar o cadeado, delicada que era, não conseguira, deixou a tarefa rudimentar ao marido, que com um sacrifício de muita força, arrancara a fechadura junto, nisso a campainha tocou, tinham visita.

A senhoria observava a que tipo pertencia a pessoa, parecia um zé ninguém, um mendigo mesmo, o que lhe chamou a atenção, e eles o fizeram entrar e não o viu mais

desde então, a água no bule estava fervendo, teve de ir para cozinha desligar o fogão, quando voltou não havia ninguém.

As 22:01 a senhoria chamou a polícia, estavam fazendo uma festa talvez, o fato é que a música não a deixava em paz.

A campainha tocou as 22:40, os policia pediram a chave mestra para a senhoria, ao adentrar a casa, todos estavam embriagados deitados no chão, a senhoria disse que faltava um, um mendigo, a policia inspecionou os cômodos, até encontrar a fechadura do porão quebrada, lá dentro estava o mendigo coberto de sangue, com um olhar apavorado, gritou que era inocente, que aquilo já estava ali, os policia algemaram o indivíduo, e lá dentro havia um corpo esquartejado.

Brincadeira Séria

Vou narrar agora a morte do único amigo que tive até hoje, nesse caso, até ontem, quando acordei pela manhã com o despertador do celular, a música animava um pouco porque era mais um dia de trabalho e trabalhar é uma lástima angustiante, eu pensei que passaria a odiar aquela música ouvindo-a todos os dias para me despertar, mas as vezes até mesmo me levantava assobiando-a, Bad to the Bone, os metais nessa canção me arrepiam, e o que mais contribuiu para que eu me pusesse de pé assobiando a música é que era sexta-feira, no meu caso não faria muita diferença sendo que trabalho aos sábados, mas era o encerramento de algo que parecia não ter fim, o começo do fim de semana, a noite prometia.

Tomei uma caneca de café com leite, ascendi um cigarro e parti para o trabalho, estava tão animado que decidi ir a pé, assim economizaria o dinheiro do ônibus e

imaginei que faria bem à saúde que tanto menosprezava, principalmente às sextas-feira, no caminho passei por uma feira livre e tentei comprar uma maçã, o feirante não aceitou, deixou que eu a levasse de cortesia, agradei lhe desejando um bom dia, era cedo estavam montando as barracas, por isso não havia ainda a correria e os gritos e apesar de ser tão cedo, já tinha gente mendigando, o dinheiro que seria da maçã foi para ele, que me agradeceu com vontade, me sentia bem, é difícil acreditar que uma coisa tão terrível estivesse pra acontecer. Meu dia no trabalho foi promissor, gosto quando tem coisas a fazer, assim as horas passam mais rápido, quando vi já era hora do almoço, era dia de peixe, por isso me servi no restaurante de uma boa lasanha, lá se ia a caminhada, depois e com meu livro em mãos, fui em direção da biblioteca onde eu sempre ficava naquele horário lendo e as vezes dava um tempo pra tirar uns cinco minutos de soneca, nesse dia não dormi, comecei a sentir um pressentimento ruim, eu ficava do lado de fora da

biblioteca, encostado na parede, tinha árvores e grama, era acolhedor, senti que estava sendo observado, logo entendi o que era, claro, só poderia ser, o livro era roubado, talvez tenham descoberto e me fariam passar um vexame, já que tinha uma delegacia logo ao lado, uma funcionária passou por mim, me disse boa tarde e se foi, era paranoia de um delinquente, mas fiquei com a impressão que ela falou sarcasticamente, como que soubesse e só esperasse a próxima vez, eu decidi que não faria mais aquilo, não naquele dia, eu esperava os dias frios quando podia colocar a blusa com compartimentos secretos, nunca havia ninguém lá e era muito fácil, esse é o grande problema dos ladrõezinhos, achar que sempre será como da primeira vez, mas era melhor dar um tempo e a sensação terrível não passou por mim como a funcionária fez, ela nesse caso me disse que eu estava perto do fim.

A tarde demorou para acabar, porque eu queria muito que terminasse, olhava as horas periodicamente, não

teve muitos clientes e tive que me ater ao livro roubado, mesmo sendo proibido, furtivamente debaixo do balcão o deixei estrategicamente, para virar as páginas era só cruzar os braços, e assim as horas se foram e chegaram na que eu queria, o apito das metalúrgicas ao longe fez ecoar as adoráveis 18:00h.

Foi quando a merda começou, a noite caiu e os monstros saíram dos esconderijos. Com o pagamento no bolso eu só queria gastar, dinheiro não presta guardado e eu não me importava que tivesse passado um mês inteiro acordando cedo e pegando tralhas com uma mula à serviço do patrão, me esbaldava na fuga da realidade e por isso as drogas era-me um refúgio. Uma rodada de cachaça pra quem quisesse no bar e tudo começou. Cocaína, cerveja e sinuca, então meu amigo apareceu, maconha, cerveja e puta, não lembro até que horas tudo aquilo acabou, só sei que estávamos com muita fome, por isso fomos ao restaurante árabe do outro lado da cidade, era o único

aberto aquela hora, comeríamos umas esfihas e tudo certo. Lá ele morreu, tentando me salvar, eu, palhaço e muito louco, quis rodar um prato com o dedo e o fiz se espatifar no chão, vidro pra todo lado, um japonês invocado estava com os amigos e decidiu se mostrar, nos dando um sermão de bons costumes e etiqueta, eu não me contive e tive que lhe dar um soco, quando ele pegou um pedaço do vidro e partiu para cima, meu amigo pulou na frente recebendo o golpe na garganta, não teve jeito, tudo isso em um segundo, um átimo de tempo, a morte o levou e a culpa foi minha, no outro dia não fui trabalhar evidentemente e nem nos outros dias, passei a procurar o japonês em todas as barracas de pastéis das feiras, porque o cretino esta foragido e eu passei a rodar discos no circo, um perfeito palhaço.

O Profeta

As poesias são passíveis de interpretação, as vezes o que o poeta quis dizer é entendido de outra maneira, por isso é muito fácil dar ou tirar créditos indevidos, foi o que aconteceu com Damião, supervalorizaram sua arte e as consequências foram nefastas, mesmo inocente, ele sentiu-se culpado, afinal escreveu, poderia não ter feito e isso o arruinou, internado numa clínica psiquiátrica com o diagnóstico de esquizofrenia, é mais um número nas estatísticas e um consumidor da indústria farmacêutica, isso quando não era o profeta na religião do bom deus, sua mulher, fiel pregadora, era sua leitora primária, ela quem viu nele um enorme potencial de espiritualidade, Damião escrevia com o coração e suas palavras tocavam no mais íntimo da alma, passaram a associar sua arte com a religião, quando num poema em vídeo exaltando o sol, podia-se ver claramente a silhueta do divino, claro que poderia ser só

reflexo da câmera, o mais provável é que era, mas eles quiseram acreditar, eles decidiram acreditar, eles precisavam de um sinal vindo de um servo perdido, como nas escrituras estava escrito, “e ele virá, e trará à luz do sol meu chamado, acreditai-vos, o servo pecador esquecido na perdição, seus escritos serão minha voz, acreditai-vos.” Isso por si só é um tanto quanto insuficiente, qualquer um poderia tomar as dores e dizer ser o messias, as pessoas mesmo colocavam-se no próprio nome como sendo, mas com ele era diferente, precisou-se de muitos anos e muitos escritos para afirmarem aquilo, as circunstancias ajudaram, as “coincidências” eram exatas, ele sempre acertara em suas profecias e Damião começou a crer também, entrou no jogo e como todos, queria uma esperança pra seguir vivendo, mas era humilde, não aceitou dinheiro de ninguém e nem os privilégios, ficou famoso e quanto mais conhecido, mais convicto de si mesmo ele ficava, apareceu na TV e fez previsões, não errou nenhuma, as pessoas choravam ao vê-lo, queriam tocá-lo, ofereciam tudo o que

tinham a ele para apenas olhá-lo nos olhos e que tamanha foi a decepção quando errou, uma única vez, quiseram matá-lo, queimá-lo em praça pública, as dívidas que tinha de repente voltaram, os créditos acabados, a má fama alastrou-se, por que errou, uma vez, errou, num poema que traria a verdade à humanidade ele escreveu: O fim do mundo está próximo, ele o é a todo momento, o apocalipse é o instante, deuses somos nós.

A Recaída

Cláudio estava há cinco anos se abstendo de álcool, era membro do alcoólicos anônimos, em todo esse tempo conseguiu se manter forte e resistente, mas infelizmente pra ele e bom para nós, afinal, se não lhe tivesse acontecido isso, não teríamos essa historia, plainamos sobre o ar por muito tempo, como à urubus em busca de carniça, encontramos suas memórias, a recaída tirou sua vida.

Era fim de ano, estava desempregado, não possuía renda, mas mesmo assim, caricato, sempre se deu bem com o sexo oposto, conseguiu um encontro nas redes sociais, conheceriam-se pessoalmente depois de algumas semanas trocando informações pelo computador, ela era de outra cidade, pertencia à uma classe à que Cláudio só via pela televisão, era difícil se convencer de que aquilo fosse dar certo, mesmo assim ele manteve a postura e o pensamento positivo, mas teria que arrumar algum se quisesse vê-la,

pois teria que pagar pelo menos uma paçoca se ela sentisse fome, fora a passagem do transporte público, decidiram se encontrar no centro da cidade em que ela vivia, quanto seria necessário? O que faria pra conseguir o dinheiro? Pedir emprestado, é claro! Cinquenta tava bom, foi o que disse ao pai, constrangido de tantas vezes que o velho já tinha feito na vida por ele, mas dessa vez, era certo, pagaria, tinha algo em vista, era provável que venderia um livro para um amigo, escritor fracassado, Cláudio fazia bicos para conseguir o vital da sobrevivência, seu pai muito compreensivo o ajudou sem pestanejar.

Era chegado o dia, encontrariam-se pela tarde, o que o fez acordar cedo de ansiedade, refez mentalmente o caminho para chegar até lá inúmeras vezes, não quis almoçar, estava com diarreia de nervoso, se aliviou o máximo que pôde, quando saiu de casa começou a chover.

Debaixo da chuva e sem guarda-chuvas, ele correu para o ponto de ônibus mais próximo, se abrigou num toldo

de um bar, podendo sentir exalar o cheiro do álcool das garrafas de cervejas consumidas nas caixas esperando para trocá-las pelas cheias, os pensamentos vieram e não eram bons, misturados com memórias de um passado que preferia esquecer, mas que era muito difícil, nisso o ônibus chegara lhe aliviando o tormento, subiu depois das mulheres e antes do velho, passou pelo motorista e disse boa tarde, ofereceu os cinquenta para o cobrador rodando a catraca, quando foi pegar o troco o trabalhador disse que a nota era falsa, mas pelo menos devolveu-lhe, Cláudio disse que era a única que tinha, então ficou por isso mesmo, uma carona até a estação de trem, no caminho foi pensando que não conseguiria chegar ao encontro por causa da nota que tentaria trocar na bilheteria, então teve uma ideia, decidiu trocá-la na rua, com os camelôs que vendiam balas, o que era bom, pois precisava aliviar o hálito e deu certo, o camelô recebeu a nota e nem a olhou, simplesmente pôs-la no bolo com as outras, o que resolveu o problema, pagou o bilhete e ficou a esperar o trem no ultimo lugar da

plataforma. Era muito bonito ver a garoa cair nos trilhos e as árvores ao redor, as pessoas com seus trajes de frio, começou a sentir-se bem, passara a sensação ruim e o intestino não reclamava mais, ele imaginou que era cedo para pensar em por as mãos nos seios dela, mas gosto de sonhar.

No lugar marcado, sem chuva ou garoa, ele esperou, ela estava atrasada pra variar, ele fazia uso das balas que lhe era como um passatempo, ela demorou, mas chegou, era mais bonita do que pensara, e era incrivelmente fotogênica, ela desculpou-se pelo atraso, só coube a ele dizer que aquilo não era nada, o que se dizia para a beleza em pessoa? Só submetia-se.

Conforme a conversa foi esquentando, ele chegava mais perto, não o suficiente para descobrir que ela antes de chegar estava bebendo com as amigas e se encontrava parcialmente adulterada pela bebida, talvez tenha contribuído para sentir-se excitada e quando ele chegou

mais perto ela não esperou, o trouxe para seus braços num beijo apaixonado.

Quando ele sentiu o álcool em seus pulmões, o cérebro entrou em colapso e ele passou a sugá-la debilmente, fazendo-a regurgitar em sua boca, o vômito era cerveja com batatas que tinham sido fritas, ele engoliu tudo, receando por mais, foi quando as pessoas ao redor acharam aquilo um abuso, um doente estava comendo vômito numa espécie de beijo estuprado, homens o laçaram tirando-lhe de perto da moça que não respirava, e Cláudio só pôde enlouquecer, queria a fonte do néctar dos deuses, não sabia como podia ter passado tanto tempo sem aquilo, e a violência só aumentou, um lixamento era inevitável, foi como Cláudio deixou a vida na terra.

O Doente Terminal

Dormir, talvez acordar.

Nos Cumes da Fofoca

Estamos aqui ao vivo na sepultura do grande escritor Felício Azevedo e posso dizer, os vermes estão fazendo um primoroso trabalho, o nosso câmera vai dar um zoom no crânio do único nobel de nosso país, vejam só como é que esta, primazia unanime desses seres da natureza que trabalham noite e dia para deixar nosso renomado artista nos trinques, notamos o enorme buraco causado pela bala que o levou ao suicídio, isso é sensacional, você esta vendo isso com exclusividade e em primeira mão, e por falar nisso, as dele permanecessem onde estão, cruzadas no peito, como podemos ver, quase sem deterioramento, os

vermes trabalham cautelosamente, o terno é o mesmo que usou na cerimonia do premio máximo da humanidade, e já que estamos aqui, vamos mostrar o troféu, que sim, foi enterrado junto ao nosso gênio singular, só não saia daí, já-já voltamos com mais cenas exclusivas, depois dos nossos comerciais.

Negócio Local

Gervásio Costa é um canibal meticuloso, fazendeiro como profissão, suas ações são pontuais e jamais, se quer, fora suspeito, assassino profissional, é pago para matar e come as vítimas como meio de ocultar os cadáveres, tem uma criação de javalis silvestres, a carcaça e a carniça vão todos para eles, e que por sua vez, abatidos, os vende no mercado municipal onde os cidadãos adquire carne de javali por um preço mais acessível e hoje foi dia de abate, os animais enormes estão em sua picape, os funcionários se

revezam para descarregar a mercadoria, tem fila na porta, o delegado da cidade tem prioridade e por um momento de pura excitação dá-se um diálogo entre o criminoso e o agente da lei:

– Mais um dia, hein Gervásio, a carne tá boa? O que você tem dado para eles? Veja só como são esbeltos! Carne de primeira!

– É delegado, aproveite enquanto é tempo, é a ultima remessa do ano e cá entre nós, eles só comem alimentos selecionados à um rigoroso teste de qualidade, para assim ficarem como o senhor os vê, repare só nesse pernil....

– Maravilhoso! Mais tarde vai ter churrasco do pessoal, se quiser ir será uma honra.

– Obrigado, mas sinceramente, eu aprecio outros tipos de carne.

– Coelho? Cobra? Sapo?

- Burros.
- Essa é nova, preciso experimentar...
- Se o fizer não conseguirá parar...
- Um dia desses, até a vista meu bom.
- Até mais delegado, foi um prazer.
- Prazer vai ser comer essa iguaria.

O Cão

Eu tinha que levar meu cachorro pra sair, fazia muito tempo que vivia enclausurado dentro de casa, ia aproveitar e comprar ração, no caminho lembrei que precisava de mistura, não me lembro quantos dias fazia que só comia ovo, e no açougue descobri que os animais sentem empatia, meu cachorro não quis entrar e ficou uivando no lado de fora, amarrei sua coleira no poste de uma placa de proibido estacionar, adentrei o estabelecimento desprovido de luz, estava numa penumbra, e aquilo estava me deixando com medo, ouvindo o latido fúnebre de meu cão, carnes de animais espetados em guinchos no teto, comecei a considerar o veganismo, quando saiu das sombras o açougueiro com seu avental vermelhado de sangue e com uma faca em uma das mãos dizendo “Pois não, patrão”. Voltei a realidade, a luz se ascendeu do nada e meu cão parou de uivar, eu disse que

queria um quilo de alcatra em bifés, e imediatamente ele tirou uma peça de carne do refrigerador e começou a fatiar, pôs na balança sobrando umas cento e cinquenta gramas que eu disse que não me importava em levar, não lembro quanto deu, mas foi quase todo meu dinheiro, peguei a sacola e saí, no poste da placa só ficou a coleira, meu cão tinha fugido ou sido raptado, fiquei como um tolo deixando a carne cair no chão. O pior de tudo é foi o que pensei a seguir: “já não preciso comprar ração”.

Em casa, sozinho, pus o bife na frigideira e deixei só esquentar, mal passado e sem sal, comi com uma fome voraz, meus pensamentos vieram em uma sucessão de paranoias, tentei assistir televisão, mas em todos os canais tinha alguma relacionada com cachorros, aquilo me deixou deprimido, fui deitar, não dormi, era cedo, estava escurecendo, olhei pela janela e era lua cheia, um uivo ecoou no cair daquela noite, só durmo de dia agora, mudei de casa, de emprego e mesmo assim ouço o uivar de um

cão no meio da noite. Sempre volto no mesmo açougue e peço a mesma coisa, alcatra, o açougueiro deixa separado e passei a comê-la crua, vejo as luas cheias da minha janela até elas sumirem, depois vou trabalhar. E o cão nunca voltou.

Cultura Armamentista

Joãozinho era vidrado no agente secreto, que era tão secreto que não tinha identificação, designava-o apenas por “agente”, ficava maluco vendo as missões serem cumpridas em países de todo o globo, toda parafernália de um agente, pobre, fazia o seus para imitá-lo com papelão, mas seu sonho era ganhar aqueles kits de plástico idênticos ao verdadeiro, e dessa vez estava decido a levar para casa um desses, ele e seu pai estavam no centro da cidade fazendo compras para o natal, não poderia ser época melhor, o velho ficava sensível nesses tempos.

“Vamos lá pai, compra mim?” “Prometo que ano que vem eu passe de ano só com notas A”

Foi difícil convencê-lo, mas acabou cedendo, depois claro, de um belo de seus sermões. “Isso não é brinquedo de criança boa, meu filho” “Você tem que ficar do lado do bem”.

Assim ele brincou até não mais poder, até ser roubado, os brinquedos sumiram simplesmente, depois de levá-los à rua brincando com os meninos da rua de cima, quando abriu o portão de casa para eles tomarem água na torneira da garagem, ele notou a ausência do kit de agente secreto, não quis acusar ninguém, mas parou de brincar, ficou em casa pensando quem teria sido.

Depois desse dia ele só veria parte do kit na padaria no domingo, com seu pai, quando um dos meninos da rua de cima empunhava o revólver querendo assaltar o estabelecimento, ele tinha certeza que fazia parte do seu kit, mas o policial à paisana sentado no balcão, não.

Após o velório do menino, teve passeata em pedido de paz na comunidade na qual estava Joãozinho e seus pais, ele diz agora que não tem mais sonhos.

O Sobrado Assombrado

Em 1998 morreu de velhice o senhor Astor, dentro do porão empoeirado, junto aos ratos e as baratas, canos de esgoto e à quinquilharias de épocas que remontavam sua infância, começou cedo à juntar parafernália, desde brinquedos à revistas em quadrinhos, o porão estava quase inacessível de tanta porcária, ele viu a morte chegar sem bater à porta, ceifou-lhe a vida e seu corpo juntou-se aos seus pertences. Seu neto que obtinha uma estima grande por ele, decidiu organizar aquela bagunça, passado alguns meses após o enterro, sentiu-se na responsabilidade de manter o que o avô construiu ao longo da vida, ficou interessado nas máquinas de escrever, nos LP's raros e nas garrafas de coca. Todo dia ele passava a tarde naquele muquiço fedorento revivendo vidas passadas. Cético, não se

deixava levar pelas más histórias que inventavam os parentes que o visitavam frequentemente, mesmo que a fama tenha ganhado a rua, depois o bairro e pior, o município todo, com a maldita imprensa os abutres comedores de carniça, São Onofre tinha fama de cidade do terror, a cidade fantasma, não aparecia nos velhos mapas da escola, só os munícipes à consideravam independente da capital, e o processo de tornar um município era burocrático e muito lento, mas já possuía uma companhia de transporte própria e o serviço de reciclagem era de reconhecimento federal, no meio de tudo isso, de ruas planejadas no centro à um caos na periferia, estava o sobrado do senhor Astor, colecionador de bugigangas, ou o “velho do saco”, quando dava as costas com suas sacolas para as pessoas e elas falavam entre si. O neto achava engraçado, o próprio senhor Astor ria também, quando pôde, agora esta no cemitério onde seu neto o visita de semana em semana, depois de mês em mês, ano em ano e não mais do que isso.

O neto decidiu escrever a história do avô quando mexia em suas coisas e se deparara com fotos, documentos e um monte de tralha do senhor Astor, faria um favor para o povo que

chamava o velho sobrado, hoje herança para o neto, de assombrado, amaldiçoando seus dias naquela casa, não que se importasse, mas vinha ficando cada vez mais embaraçoso dar as costas e ouvir murmurinhos de fofoca, a criançada evitava passar na calçada pra se ter uma ideia, assim, com um livro sobre a verdadeira história de um grande homem faria as coisas mudarem, admirarem ao invés de temê-lo, não se dizia por aí que coisas ruins atraem coisas ruins, acabaria com o mito, mas cada vez mais que se debruçava sobre os documentos e as fotos do avô e até mesmo do que diziam no bairro, o neto se espantava com como ninguém conhece ninguém, até que morra, os segredos vem à tona, as dívidas não são esquecidas, pelo contrário, agora era ele o responsável e teria que arcar, fechou o álbum de fotos com rispidez constatando o que muitos fanáticos diriam ser uma aparição do próprio Santo Onofre, com a corda no pescoço em praça pública, a inspiração para aqueles que lutavam pra que fosse um município a cidade do santo dos suicidas.

A partir de então não mais dormiu, cético, dava razão às alucinações que passou a ter dentro daquela casa,

claro, a mente adoece como o corpo e era uma forma de mostrar que estava indo mal, que o cérebro precisava de saúde, descanso e lazer, mas não parou de escrever mais, quanto mais descobria, mais escrevia, até o livro ficar pronto e usar a herança pra financiar a publicação, quando a verdadeira historia do velho do saco ganhou fama, havia repórteres, curiosos, religiosos fanáticos enaltecendo o neto dentro do sobrado que primeiro rangeu, e enfim desmoronara em cima de mais de vinte pessoas, matando-as, consolidando a vingança para além do normal do senhor Astor.

Transferência

Ela vinha da minha frente, caminhando como uma deusa, quando passou por mim, disse retoricamente o que eu fazia ali, olhei em seus olhos, seu olhar estava em outra direção, como as deusas fazem para mostrar um tipo de desinteresse mórbido, pensei que mesmo sem começar a sessão, já estava deixando-a entediada, pensamentos automáticos depreciativos tentaram me tomar a razão, mas a sua beleza era deveras demasiada para não ater-me, pensei em quanto ela estava linda com aquela blusa branca e jeans azuis, confirmei a retórica e fingi não me importar olhando para dentro do balcão da farmácia, a atendente me fornecera a cota do mês, agradei e fui ao encontro da deusa, que no corredor esperava me olhando de soslaio, ou achei que olhava, fui ao seu encontro, fiz uma expressão de dúvida e ela sagaz como é, todas as deusas são sagazes, disse que a sala que geralmente me atendia estava ocupada

por isso iríamos para uma outra, atrás de mim e menor, olhei ao redor para certificar-me se havia alguém nos olhando, não havia, fui para dentro da sala, uma câmera deparada no teto, tinham três cadeiras, duas juntas e uma separada, fazendo uma espécie de triângulo, sentei-me em uma das estavam juntas a outra ficou ao meu lado desocupada, ela sentou-se na que estava solitária, não antes de movê-la mais para longe da minha, estávamos à um metro um do outro, pus a perna direita sobre a esquerda imitando-a, quis mostrar que respeitava sua autoridade, a minha cadeira estava junto à parede, numa postura em que minha cabeça foi de encontro da mesma, não sei o que isso parecia, talvez comodidade, o fato é que estava juntando os pensamentos para proferi-los quando ela me perguntasse como tinha passado a semana, revisei minha mente e lembrei vagamente do que queria ter decorado, quando ela perguntou preenchendo o ambiente com sua maciosa e adorável voz, eu fechei os olhos e apreciei aquilo que aos meus ouvidos era ainda mais prazeroso do que uma música,

suspirei e tentei reunir os pensamentos, eles se afloraram num frenesi, ela sempre atenta e profissional, escutava com disposição e entusiasmo, as vezes olhava para ela e falando me vinha pensamentos de como ela era linda, então voltava a olhar para baixo para não perder o fio da meada, ela tirou do limbo de meu inconsciente a vontade consciente que me fazia estar lá todas as semanas, quando disse a ela que as coisas estavam boas e que poderiam melhorar se não dependesse de terceiros pra isso, ela quis saber como e o que, especificamente. Xequê, pensei. Eu disse que a transferência me fazia ter desejos e que para melhorar as coisas, só a reciprocidade teria esse poder, apesar, eu disse, que sabia que amava as coisas impossíveis, ela me perguntou o que eu temia, meu medo era a negação, por isso não me importava que ficasse no indefinido, preferia assim, não sofreria se não soubesse, apesar de ser certo que é errado, código de ética por último e os sentimentos que ela não tem por mim primeiramente, mas nessa doentia circunstancia eu fazia das palavras poesia e do meu

sofrimento arte, nunca fui bom na oratória, como faço agora, escrevo, para compensar minhas dificuldades e para entender melhor o que parece ser tão abstrato, essa relação que temos, eu com uma deusa, a transferência e todo meu sentimento, o tratamento é tudo o que quero.

Deslumbra-me sua beleza, amo sua essência – eu disse.

A deusa pensou, pousou a cabeça na parede delicadamente, por um momento eu pensei em levantar-me, ajoelhar-me aos seus pés pôr as mãos naquele lindo rosto e perguntar o que lhe afligia, quando a porta foi escancarada com um golpe que me assustou, ela permaneceu como estava, dois brutamontes vieram ao meu alcance, puseram-me numa camisa-de-força, me picaram com uma injeção e me levaram para onde estou cá, escrevendo com meus excrementos num papel higiênico meu testamento, pois é isso tudo o que tenho, essas palavras e todo meu sentimento, quando estiveres lendo, saberás, matei-me.

O Feminicida

- Deixa para ficar sozinha quando morrer, passará a eternidade só, enquanto estivermos vivos, devíamos compartilhar os momentos.
- Argumento interessante, entrementes, você não me interessa, não é que não seja bonito, a beleza acaba, tem algo em você que me deixa nos nervos.
- Você diz isso porque eu a amo e não podemos começar pelo fim, primeiro vem o interesse e a atração, se passar disso tem a paixão no sexo, o corpo à corpo, se for bom, passamos a conhecer a pessoa, cagar no mesmo ambiente, peidar se for mais além, então o amor, eu simplesmente pulei essas partes todas porque minha vida é imediata e vivo o presente, quero agora o sempre, daqui pra frente, entendi que não precisaria dividir as responsabilidades, a atração natural humana por sermos de

sexo oposto é o suficiente, não quero maquinar o que é do sentido, não pretendo racionalizar esse sentimento. De toda forma, se não me quer, e como não me ama, e quer passar a vida na solidão, só cabe a mim aceitar e respeitar, é por isso que não precisa da vida, você esta morta, nasceu morta, e vou lhe fazer sua maior vontade.

- Ta vendo como você me dá nos nervos?
- Tenho que te matar, é um favor que te faço.

Fim do Medo

Anderson Rodrigues escreveu este livro entre os anos de 2018 e 2019. Anderson Rodrigues sou eu, mas quem esta lendo é você, então eu não deveria dizer que sou, se não vai parecer que você sou eu e eu sou você mas, e você sabe o que é? Já sabe como deixará essa vida? Então é melhor viver, enquanto pode. Mas antes uma última estória.

Ana Victória adquiriu o exemplar por um site da internet, pagando com cartão de crédito, mesmo sabendo que poderia ter a versão digital que era grátis, entretanto, ela achava que nada era igual a ter em mãos a versão física de um livro, o cheiro, o tato, as páginas, não, não podia ficar em frente à um computador com dores nas costas e procurando um melhor jeito de sentar, ter de arrumar a postura, e olhar a tela que fazia doer as vistas com o tempo, no meio da madrugada, dentro da escuridão, o medo de

ficar com medo, o café esfriando, o coração palpitando dentro do peito, Ana Victória preferia ler de dia, não era questão de covardia e coragem, à luz do sol tudo era mais nítido e a sombra da noite convidava à pensamentos contrários, ela era amiga do autor, queria incentivar a arte anônima, e sua decisão foi de ler indo para o trabalho, quando não tinha muito que fazer, senão esperar, nesse horário os trens não estavam lotados, ela trabalhava em operação de telemarketing, tudo alternativo, inclusive seus colegas de posto, foi quando o fim começou, nessas páginas ela lia sua própria história e como para certificar-se de que era realmente aquilo, olhou em volta, saindo do mundo da ficção para a realidade e o que encontrou foi um trem no sentido oposto ao seu, na janela um homem, com o mesmo livro, e ele como também para identificar o real, olhou para o mundo e seu olhar foi parar diretamente no livro dela e então para ela, foi nesse momento que as luzes apagaram, os celulares dos passageiros começaram a tocar freneticamente, todos num som uníssono, a voz do

maquinista entoava um gemido ininteligível, as portas abriam uma fenda e fechava logo a seguir, os televisores do vagão mostravam um chiado cinza de que estava fora do ar, as pessoas começaram a entrar em pânico, começou os berros, o falatório, brigavam entre si e uma mulher passou mal, desfalecera-se no chão, a porta abriu e pisotearam-na, na esperança de saírem, a estação era um breu absoluto, os trens empalheirados parados sem energia, um vento frio vinha dos trilhos cada vez mais forte, Ana Victória podia sentir os cabelos esvoaçarem no rosto, seria uma colisão e iriam todos morrer, ela pensou, então não viu mais nada. A escuridão tomou conta de tudo e de algum lugar lá de cima, escorria o sangue das vítimas lentamente formando três palavras, atrás delas vinha um homem vestido de preto andando calmamente enquanto tudo voava ao seu redor, ele parou no meio do caminho e ouviu-se o som de vidros quebrando, passou por eles, chegou mais perto, estendeu a mão e ela levantou saindo das páginas do livro, olhou para trás e viu tudo o que tinha lido até então, não entendendo o

que acontecia, ela quis ficar, mas o homem era forte e não pôde recusar, ela pensou que era uma espécie de deus, mas era um padre, com todas as forças ela tirou o braço das mãos dele, e caiu numa piscina de sangue, mergulhou até o fundo e uma passagem se insinuava no fim, abriu a porta contendo a necessidade de respirar e do outro lado estava um homem vestido de branco, podia ser um anjo, o sangue todo escoou para dentro da boca dele e ele sorriu, deu risada, começou a gargalhar e o som à enlouquecia com pensamentos delirantes de que estava morta esquartejada no trem, os olhos viviam, viu a botina branca do homem tomar toda a visão, ele era um pai de santo, e ia pisar no que restou dela, quando o padre o afastou e os dois rolaram vagão adentro disputando os restos de Ana Victória e então as luzes ascenderam, ela olhava para a palavra “ascenderam” e pensou: “não se escreve sem o “s”? o trem começou a andar, do outro lado o homem com o livro fez um sinal de despedida, o buraco negro que se criou quando os dois olharam um ao outro se desfez e tudo voltou ao

normal, ela trabalharia o resto do dia pensando em tudo que aconteceu, nas possibilidades daquilo tudo ter sido, e já terá lido o livro na hora da pausa para o lanche, retomaria sua vida, diria algumas palavras de incentivo ao amigo, mas guardaria para si mesma a verdade.

MEDO DEFINE TERROR,
TERROR IDENTIFICA
MEDO, POR ESSE
INTERMÉDIO FOI
ESCRITO ESTE LIVRO.
PENSADO PARA UM
ENTRETENIMENTO
INSTANTÂNEO,
DELEITE-SE COM
CONTOS, MINICONTOS
E MICROCONTOS.

